

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO**

LÚCIO FERREIRA PENHA

**Comunidade e memória em um município sulmineiro: subjetividade
e resistência**

São Paulo

2017

LÚCIO FERREIRA PENHA

**Comunidade e memória em um município sulmineiro: subjetividade
e resistência**

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Luis Guilherme Galeão da Silva.

São Paulo

2017

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Penha, Lúcio Ferreira

Comunidade e memória em um município sulmineiro: subjetividade e resistência / Lúcio Ferreira Penha; orientador Luis Guilherme Galeão da Silva. -- São Paulo, 2017.

82 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Psicologia Social. 2. Memória. 3. Resistência.
I. Galeão da Silva, Luis Guilherme, orient. II.
Título.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: PENHA, Lúcio Ferreira.

Título: Comunidade e memória em um município sulmineiro: subjetividade e resistência.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Aprovado em: ____/____/2017.

Banca Examinadora

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

*Eu sou parte da parte, um todo me produz;
Sou parcela do caos, de onde nasceu a luz,
Essa orgulhosa luz, que da noite emergia
E que à sua própria mãe buscava primazia.
Jamais conseguirá, muito embora se esforce,
Preso a quem a gerou, em vão luta e se estorce.
Da matéria ressurge, à matéria ilumina,
A matéria intercepta em sua breve passagem,
Muito não durará, suponho, essa miragem,
Com a matéria a luz a si destrói e arruína!*

Mefistófeles (GOETHE, 1808, p. 60).

“Contudo, será que aqueles outros bens, que agora perdemos, realmente deixaram de ter qualquer valor para nós por se revelarem tão perecíveis e tão sem resistência? Isso parece ser o caso de muitos de nós; só que, na minha opinião, mais uma vez, erradamente. Creio que aqueles que pensam assim, e parecem prontos a aceitar uma renúncia permanente porque o que era precioso revelou não ser duradouro, encontram-se simplesmente num estado de luto pelo que se perdeu. O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos”.

Sigmund Freud (1916, p. 319)

Esta dissertação é dedicada à minha família: meu pai, Elizeu Ribeiro Penha, minha mãe, Sônia Maria Ferreira Penha, e minha irmã, Cynthia Ferreira Penha Alves. Vocês sempre me deram o apoio e o incentivo necessários para que eu me lançasse ao mundo em busca dos meus sonhos.

Dedico-a, principalmente, à minha querida esposa, Eliane Silva Delfino Penha, que está ao meu lado em todas as circunstâncias, trazendo sentido ao meu trabalho e à minha vida.

In memoriam de meu avô, João de Deus Ferreira, que me convenceu de que estudar é prazeroso, e de outros parentes falecidos para o mundo, mas vivos em minha memória.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores de graduação Antônio Garotti, Alitta Guimarães, Lucas Carvalho Valadão, Leny Motta, Francisca Fernandes de Carvalho e Paulo Teófilo Tavares Paes, que despertaram em mim o gosto pela pesquisa.

Àqueles que, nas instituições onde trabalho, contribuíram de forma direta ou indireta para que eu realizasse o curso de mestrado e esta pesquisa.

Aos meus professores do mestrado Bernardo Parodi Svartman, Ecléa Bosi, Fábio de Oliveira, Gustavo Martineli Massola, Ianni Regia Scarcelli, Leny Sato e Luciana Caetano. Todos vocês expandiram meus horizontes e há um pouco de cada um nesta pesquisa.

Aos meus colegas dos grupos de estudos de orientandos e de Psicologia Social Comunitária, que, com suas reflexões, contribuíram muito para este trabalho.

Dentre os colegas das disciplinas do curso, agradeço principalmente Mirian Araujo, José Fernando Andrade Costa, Julia Malvezzi, Dodi Leal e Vicente Sarubbi Jr. Os colegas, professores e funcionários do Instituto de Psicologia da USP trouxeram de volta à minha memória os conceitos de companheirismo e solidariedade.

Aos professores Antônio da Costa Ciampa e José Moura Gonçalves Filho pelas preciosas contribuições no meu exame de qualificação.

Agradecimento especial para o meu orientador Luis Guilherme Galeão da Silva que, ao acreditar no potencial de minhas ideias, permitiu-me a chance de materializar estas reflexões. Seu exemplo de ética, tolerância e solidariedade será sempre por mim levado em meu trabalho e minha vida.

PENHA, Lúcio Ferreira. **Comunidade e memória em um município sulmineiro: subjetividade e resistência.** 2017. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RESUMO

Em uma cidade sulmineira, esta dissertação teve o objetivo de descrever memórias e relatos de desrespeitos à dignidade humana e identificar sua possível relação com a resistência à dominação. Procuramos levantar informações sobre a história da cidade, por meio de fontes escritas e, principalmente, orais. Realizaram-se entrevistas com três indivíduos, com idades entre 78 e 80 anos, utilizando-se os procedimentos de *história de vida* e *perguntas exploratórias*. Surgiram lembranças ambientadas das décadas de 1940 a 1970. As memórias dos entrevistados evocaram o período de êxito econômico com atividades turísticas que envolviam a exploração de *jogos de azar* e o uso de águas medicinais, detalhando as relações entre turistas metropolitanos e nativos da cidade. Relembrou-se um evento poliesportivo denominado de *Jogos Abertos*, incluindo detalhes sobre seus bastidores, que obteve repercussão nacional até ser proibido logo após o golpe civil-militar de 1964; tentativas de replantá-lo e sua substituição por outro tipo de evento. O autoritarismo se manifestou através de iniciativas governamentais autocráticas que afetaram diretamente a economia local. As narrativas sobre desrespeito à dignidade humana envolveram preconceito motivado por classe social, violações dos direitos humanos e desemprego. As principais formas de resistência relatadas foram: (1) uso do esporte como incentivo à educação e exercício da cidadania, (2) envolvimento de funcionários públicos e políticos locais com a militância de esquerda e (3) ações coletivas com o objetivo de manter novas formas de atividades turísticas, para substituir as anteriormente proibidas.

Palavras-chave: Psicologia Social. Memória. Resistência.

PENHA, Lúcio Ferreira. Community and memory in a municipality of south of Minas Gerais State: subjectivity and resistance. 2017. 82 f. Dissertation (Master in Social Psychology) - Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2017.

ABSTRACT

In a town of the south of Minas Gerais state, this dissertation aimed to describe memories and reports of disrespect to human dignity and to identify its possible relationship with resistance to domination. We seek to gather information about the history of the town, through written sources and, mainly, oral sources. Interviews were conducted with three individuals, aged between 78 and 80 years, using the procedures of *life history* and *exploratory questions*. Memories emerged from the 1940s to the 1970s. These memories evoked the period of economic success with tourism activities that involved the exploration of gambling and the use of medicinal waters, detailing the relations between metropolitan tourists and natives of the town. A multi-sport event called the Open Games, including details about its backstage, was recalled, which gained national repercussions until it was banned shortly after the civil-military coup of 1964; attempts to reimplant and replace it by another type of event. Authoritarianism manifested itself through autocratic governmental initiatives that directly affected the local economy. The narratives about disrespect for human dignity involved preconception based on social class, human rights violations and unemployment. The main forms of resistance reported were: (1) use of sport as an incentive to education and exercise of citizenship, (2) involvement of local public officials and politicians with left-wing militancy and (3) collective actions with the objective of maintaining new forms of tourist activities, to replace those prohibited previously.

Key-words: Social Psychology. Memory. Resistance.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Artigo de jornal sobre os preparativos para os XXIV Jogos Abertos de Cambuquira.....	72
Anexo B: Artigo de jornal registrando a suspensão dos Jogos Abertos de Cambuquira	75
Anexo C: Artigo de jornal sobre o inquérito policial militar que investigou “atividades subversivas”em Cambuquira.....	76

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO TEÓRICA	16
2. OBJETIVO DA PESQUISA	28
2.1. Objetivo Geral.....	28
2.2. Objetivo específico.....	28
3. MÉTODO	29
3.1. Pesquisa de fontes primárias e secundárias.....	29
3.2. Pesquisa empírica.....	29
4. HISTÓRIA LOCAL	31
4.1. Entrevista sobre a cidade na Década de 1940.....	31
4.1.1. Interpretação da entrevista.....	36
4.2. Entrevista sobre a cidade na Década de 1960.....	42
4.2.1. Jogos Abertos de Cambuquira.....	46
4.2.2. Interpretação da entrevista.....	48
4.3. Entrevista sobre a cidade nas Décadas de 1960 / 1970.....	51
4.3.1. Os Jogos Abertos de Cambuquira segundo um esportista e organizador.....	57
4.3.2. Interpretação da entrevista.....	59
5. DADOS DEMOGRÁFICOS E GEOGRÁFICOS SOBRE A CIDADE	61
6. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE MEMÓRIA E AUTORITARISMO	63
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	72
APÊNDICE	78

APRESENTAÇÃO

Conta-se que havia um indivíduo chamado padre Rocha Branca. Ele vivia na cidade há bastante tempo e, apesar de pároco, tinha filhos. A sociedade da época, conservadora, cansou-se de tolerar esse desrespeito ao celibato e decidiu expulsá-lo. Ao receber a notícia, o padre rogou uma maldição: a cidade jamais se desenvolveria, como punição à sua intolerância.

Esse é um dos mitos que costumam ser contados na cidade de Cambuquira, que possui uma população de aproximadamente doze mil habitantes. Localiza-se no sul do estado de Minas Gerais, Brasil, a 296 km de São Paulo e a 325 km de Belo Horizonte, em uma região conhecida como Circuito das Águas. Existem, em sua *história oral*, narrativas sobre um passado glorioso seguidas por uma descrição pessimista do presente. Na primeira metade do século XX, consta que a cidade usufruiu de um período de abundância econômica com base no turismo gerado por suas águas medicinais e pelos seus cassinos. Esse negócio local perdeu grande parte de sua força com a proibição do *jogo de azar*, em 1946. O turismo, que a partir daí teve como principal atrativo as propriedades medicinais de suas águas minerais, com o fluxo de visitantes concentrado no verão, também teve seu público reduzido, possivelmente porque o avanço de opções da indústria farmacêutica fez diminuir o interesse em tratamentos naturais. Hoje, a cidade é descrita por muitos de seus habitantes como sendo um lugar onde há poucas oportunidades e uma qualidade de vida insatisfatória.

Nasci e fui criado nessa cidade. Muitas vezes durante a vida, em conversas com pessoas mais velhas do que eu, ouvi afirmações como “que pena que você não viu os anos de ouro de Cambuquira, quando esse lugar era cheio de turistas e muita gente famosa vinha passar férias aqui. Se você tivesse nascido naquela época, teria visto como essa cidade foi boa”. Esse tipo de relato sempre instigou minha curiosidade. Na escola estudamos a composição química e a utilidade terapêutica de cada um dos cinco tipos de água mineral que a cidade possui. Foi também ensinado em sala de aula as crônicas e mitos sobre o rico passado da cidade. Relembrando essas aulas, hoje, chama-me a atenção o fato de que certos acontecimentos nunca foram mencionados nesse “relato pedagógico da História local”, como, por exemplo, o papel dos cassinos no turismo.

A arquitetura, composta de casarões e de antigos hotéis no estilo *art déco*, construídos durante as décadas de 1920 a 1930, sempre me fez imaginar os eventos ocorridos nesses locais. É impossível ignorar o fato de que a principal rua comercial da cidade possui sete edifícios que são ou já foram grandes hotéis – a maioria ocupa meio quarteirão – e um deles foi transformado em prefeitura municipal, onde atualmente trabalho como psicólogo.

Como participante desse cotidiano, na medida em que fui afetado por ele em minhas relações pessoais e profissionais, desenvolvi, com o tempo, o desejo de estudá-lo.

Em meu trabalho de conclusão de curso de graduação, realizado no ano de 2004, escrevi sobre o vazio que esse passado deixou. A cidade foi retratada, em entrevistas, como sendo um lugar belo e acolhedor, mas que não aproveita seu potencial. Os elogios à cidade foram baseados em crônicas sobre seu passado. Suas águas minerais foram descritas como sendo de grande valor, porém pouco aproveitadas. E o principal problema apontado foi a falta de emprego. Concluiu-se, na época, que grande parte da cultura local era focada na ideia de um passado “glorioso” e que, em termos de discurso, o vazio deixado pelo enfraquecimento do turismo não havia sido preenchido por temas relacionados ao presente e ao futuro (PENHA; CARVALHO, 2005).

Comecei a atuar como psicólogo da prefeitura local e continuei pesquisando. Acredito que o entendimento sobre a identidade e sobre a cultura de uma cidade passa, inevitavelmente, pelas questões relacionadas ao ato de trabalhar. Por isso, em 2009, realizei uma monografia de conclusão de curso de especialização sobre *o sofrimento psíquico no trabalho de servidor público municipal*. Após dois anos que envolveram grupos de discussão e observação participante, constatou-se a existência de um bloqueio do reconhecimento solidário no trabalho, o que foi exemplificado por meio de salários defasados; iniquidade no tratamento dos funcionários devido à condição de contratado ou efetivado; e critérios de escolhas para cargos de confiança. O medo foi uma constante que surgiu de maneira quase unânime. Foram relatadas inúmeras histórias que têm como pano de fundo uma situação chamada pelos funcionários de “perseguição política”, o que consiste em a hierarquia da prefeitura promover a precarização do trabalho de alguém, movida por interesses escusos, pelo fato do funcionário em questão pertencer a outro partido político, ou, até mesmo, por desavenças pessoais. Como

resultado, o coleguismo é substituído pela desconfiança, o que impede a formação de um coletivo de trabalho (PENHA; HELENA, 2010).

O percurso por mim realizado como pesquisador, juntamente com minhas experiências como psicólogo clínico na saúde pública local e, principalmente, como morador da cidade, suscitaram questões. Primeiramente, *quais são as experiências de desrespeito de direitos para os moradores? Essas experiências levam a alguma forma de resistência?* Estes foram os problemas que nortearam esta dissertação. O estudo da *memória* e da *identidade* foram categorias utilizadas para se chegar a respostas para esses problemas e nosso embasamento teórico foi composto, principalmente, pela Psicologia Social Crítica.

Eu sou parte do meu objeto de estudo, foi necessário trabalhar meu olhar e minha escuta nessa busca por uma descrição crítica de temas da cidade. A influência da ideologia nas explicações e narrativas do senso comum dificulta o acesso ao que uma cidade e seus habitantes tem de único e original. Buscamos não nos deixar enganar pela superficialidade de explicações correntes, sempre procurando detalhes no relato de testemunhas. Procuramos olhar as coisas conhecidas repetidas vezes, evitando explicá-las apressadamente, deixando que surja uma crítica sobre as mesmas. Imergirmos na alteridade, mantendo nossa própria singularidade. “O olhar é um ato de silêncio” (BRUM, 2006, p. 192).

Esta é, portanto uma pesquisa em primeira pessoa, que utiliza a observação participante. Grande parte do conteúdo aqui descrito teve como fonte nosso diário de campo.

Boaventura de Souza Santos (1989) propõe a necessidade de uma reaproximação entre conhecimento científico e senso comum, o que só pode ser possível através de uma quebra do paradigma positivista. Outras fontes de conhecimento podem ser consideradas em uma pesquisa, como as relações, o discurso da população, a memória, etc.

Como imagens do passado são uma constante nas narrativas da cidade, começamos por investigar a memória. Fizemos um levantamento da história da fundação da cidade – período que abrangeu até 1909 – consultando fontes bibliográficas. Em seguida, por meio de entrevistas, com o intuito de investigar fatos corridos até a década de 1970, tivemos uma visão do período em que a atividade econômica do turismo ocupou uma posição de destaque. Passamos, em seguida, a

uma descrição da cidade na atualidade, através de um levantamento de dados governamentais.

Vários autores foram consultados para o embasamento de nossas reflexões, citaremos aqui as principais contribuições aproveitadas das principais referências consultadas¹.

Durante esta trajetória trabalhamos com os conceitos de *memória*, na perspectiva de Ecléa Bosi (2013; 2015), realizando entrevistas com testemunhas de fatos históricos, tendo acesso à história oral de determinado período da cidade.

Utilizamos Adorno (1999; 2000; 2002; 2011) para refletir sobre a questão da elaboração do passado para se desenvolver uma consciência clara dos eventos históricos e o papel do esporte na educação e na resistência à barbárie.

Do trabalho de Ciampa (2011; 2012), utilizamos o conceito de *identidade* caracterizando-a como um movimento dialético e em constante mudança.

Honneth (2009) foi usado para compreender as formas de desrespeito à dignidade humana e para refletir sobre as possibilidades de resistência e luta por reconhecimento.

Outros autores aparecem com contribuições complementares:

Berman (2010) ajudou-nos a refletir sobre a cultura da modernidade e sobre os choques provocados pela dinâmica do capitalismo na cidade pesquisada. Percebemos que a territorialidade e o enraizamento foram categorias importantes para a análise proposta por nosso estudo. Incluímos, então, Haesbaert (2004) e Simone Weil (1943; 1948) – esta também colaborou com sua visão sobre os impactos de um sistema de governo autoritário na cidade.

¹ O desenvolvimento e aprofundamentos desses conceitos estão descritos nos capítulos seguintes.

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA

O presente, entregue às suas incertezas e voltado apenas para o futuro imediato, seria uma prisão. (BOSI, 2013, p. 19)

Segundo Ecléa Bosi (2013), o passado costuma ser narrado de pelo menos duas formas: a história e a crônica.

As crônicas são relatos de acontecimentos baseados na memória oral. Geralmente relatam fatos pontuais, testemunhados pelo narrador ou por alguém que ele conhece. Não tem o rigor metodológico da História – que se baseia em documentos, valorizando a continuidade temporal as relações entre as coisas e sua evolução – e, em grande parte por isso, podem permitir acesso a um conteúdo que escapa ao relato do historiador. O cotidiano e os microcomportamentos são o domínio da crônica, geralmente narrados de forma descontínua e fragmentada.

A memória oral é a substância formadora dos depoimentos sobre o passado. O acesso ao mesmo se dá através de testemunhas.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2013, p. 15).

A História se constitui na versão daqueles que exercem o poder. Na memória oral não existe unilateralidade. Um mesmo fato dará origem a vários pontos de vista diferentes e muitas vezes contraditórios, influenciados por ideologias e estereótipos provindos da *versão oficial* da história.

Por exemplo, quando uma senhora de oitenta anos – que, na adolescência, trabalhou entregando costuras em hotéis lotados de veranistas em uma cidade turística – relata que havia tensões na relação entre o turista e o nativo, ela está revelando algo que escapa à narrativa história, na qual esse tipo de conflito

foi ignorado. Também ela, ao recordar, ignora detalhes sobre a comunidade onde vive, que provavelmente seriam trabalhados em um texto histórico.

Há, inclusive, a possibilidade de essa memória oral desenvolver dimensões míticas. Bosi (2013) afirma que o mito² transmite, em seu interior, uma narrativa coletiva privilegiada, que visa legitimar os interesses daqueles que exercem o poder – não é por acaso que a maioria dos mitos tem um caráter enaltecedor de algum lugar ou personagem histórico. Então identificar mitos em uma pequena cidade no século XX não se trata de um saudosismo do conhecimento na forma mítica, mas sim da crítica à ideologia que apaga os conflitos e a origem social coletiva das obras humanas.

Todavia, é possível que os mitos não sejam apenas representantes de ideologia dominante. Arruda³ (1990) propõe que os mitos adquirem dimensão ideológica quando são instrumentalizados politicamente. Mas também existe neles um movimento que busca contornar uma crise, reencontrar o lugar perdido ou compreender uma perda. O mito do *padre Rocha Branca* – que teria amaldiçoado a cidade condenando-a à estagnação econômica – contribui para a dominação ao afirmar que eventuais problemas econômicos da cidade tiveram sua origem em um fator externo e sobrenatural. Nele, os conflitos sociais são ocultados. Mas acreditamos que talvez haja algo mais a se questionar nessa narrativa. Ela demonstra que existe uma crença de que a cidade não se desenvolveu e uma tentativa – frustrada – de se entender o porquê.

Compreendendo-se o mito dessa forma, pode-se propor que estes são formados por um discurso no qual o passado não foi bem elaborado.

Adorno (2000) propõe que, para se elaborar o passado, inicialmente, é necessário quebrar a sua aura de encanto, o que só é possível por meio da constituição de uma consciência clara.

Segundo o autor, a tendência de se esquecer da parte dolorosa do passado deixa como sintoma uma certa raiva resultante dessas memórias

² Mito: relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social; representação de fatos e/ou personagens históricos, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas (HOUAISS, 2014).

³ Maria Arminda do Nascimento Arruda é doutora em Sociologia pela FFLCH-USP.

recalcadas, que causam a perda da continuidade histórica, o que o impede compreender o seu próprio papel na História. Para Adorno (2000, p. 48), “o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou”. Sinaliza-se, assim, que apenas uma autoconsciência poderia contribuir para a mudança no lugar do esquecimento e da repetição.

Na cidade que estamos estudando, o passado é narrado de uma forma encantadora chegando a ser inebriante. Conflitos e histórias de barbárie podem subsistir ocultos em tal encantamento, cabendo a realização de um trabalho de esclarecimento.

Torna-se, também, pertinente ao nosso estudo o conceito de território, o qual pode ter dupla conotação. Na primeira trata de uma tentativa de se funcionalizar o espaço em forma de propriedade, tornando-o unifuncional e caracterizando dominação (HAESBAERT, 2004). Utiliza-se, nesse caso, o poder instituído para se delimitar o espaço e impedir os outros de nele entrar, reduzindo o uso do ambiente às relações de poder.

Por outro lado, território também pode ser entendido como *apropriação* – o ato de se construir uma relação identitária com um lugar. Trata-se de um processo simbólico, que traz as “marcas do vivido” e o valor simbólico do uso do território. Nessa perspectiva o *lugar* é uma parte significativa do mundo, e o conceito de território remete a como o indivíduo, à sua maneira, ancora sua identidade nos lugares. É, portanto, uma questão de espaço-tempo vivido, diverso e complexo, cuja consequência natural é o enraizamento – profunda ligação com a história do seu povo, sua cultura e lugar (HAESBAERT, 2004).

A territorialidade incorpora as dimensões política, econômica e cultural. Nela, os processos de dominação e de apropriação acontecem ao mesmo tempo, não sendo, assim, excludentes. Todo território tem algo de funcional, o que tende a ser visado pelo sistema capitalista, e, ao mesmo tempo, algo da ordem do simbólico, surgido dos “significados” produzidos por aqueles que o habitam.

A territorialização são os processos de dominação e apropriação do espaço. Eles sofreram mudanças durante a História. No século XIX, o processo de territorialização era pautado pela disciplinarização ou controle através do espaço.

Essa “disciplina” era “individualizante”. Em termos de construção de identidade, era voltado mais ao indivíduo do que ao grupo.

Como se pode ver, a existência de muitas pessoas convivendo em um território, mantendo relações econômicas e de amizade não é suficiente para se caracterizá-las como comunidade. Guareschi propõe que o termo *comunidade* seja interpretado como um local ou situação na qual as pessoas, além de se relacionarem, têm condições de se posicionar coletivamente no que se refere aos assuntos que abrangem a vida de seus membros. As *relações comunitárias* permitem ao indivíduo sair do individualismo neoliberal sem perder sua individualidade. São relações onde os cidadãos “exercitam seus direitos de participação e são respeitados como pessoas” (GUARESCHI, 2000, p. 96). Não podemos afirmar aqui, *a priori*, que Cambuquira seja uma comunidade ou que nela existam comunidades. Relações comunitárias só existem na medida em que incluem a presença de uma *práxis*⁴.

O fato de esse município consistir em uma cidade de pequeno porte poderia ser entendido como favorável à pesquisa acadêmica, de acordo com o pensamento de Horkheimer e Adorno (1978). Há uma certa sociologia para a qual o estudo dos fenômenos sociais torna-se mais difícil à medida que aumenta o número de indivíduos da população estudada. Uma metrópole apresenta uma variedade de relações cujo exame detalhado seria impossível de se alcançar em uma pesquisa acadêmica. Esse tipo de barreira não seria encontrada em cidades de pequeno porte.

Nessas cidades encontrar-se-ia o mesmo objeto de estudo dos grandes centros, a saber: as relações sociais. A sociologia empírica demonstrou que, nessas pequenas cidades, é possível encontrar uma parte do todo social, na qual esse todo se encontra consistentemente presente. “É verdade que, com os estudos de comunidade, é possível destacar num modelo muitas coisas que também são geralmente válidas e que, no conjunto da sociedade, talvez fosse impossível abranger empiricamente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 165).

⁴ *Práxis*, nesta pesquisa, é entendida como conjunto de práticas coletivas que possibilitam uma transformação qualitativa da sociedade, sem se limitar a apenas conhecê-la. (ABBAGNANO, 2007, p. 786).

A visão romântica de uma comunidade como uma simples diminuição de escala do todo da sociedade provou-se inadequada. Segundo Horkheimer e Adorno (1978), a cultura do interior é embasada por ideias que são produto do choque entre esses dois mundos. Ou seja, no interior surgem ideias de autossuficiência e independência, em oposição à metrópole. O encontro com o modo de pensar urbano, de orientação industrial, causa relações de tensão.

A cultura de massa inclui um pensamento de orientação econômica, que tende a avaliar a comunidade rural e a sua produção como capital. Por outro lado, ainda permanece nessas pequenas comunidades os valores da economia doméstica pré-capitalista, no qual a ligação com o território é influenciada por uma ideologia conservadora.

O contato cotidiano com a influência urbana não só modifica a estrutura objetiva mas também a psicossocial; os vínculos tradicionalistas cedem lugar a considerações de ordem objetivamente econômica e as tendências ao nivelamento de todas as formas de vida estendem-se também ao campo. (...) A tendência objetiva para o progresso e a racionalização choca-se aí, mais do que em qualquer outro grupo social, com o temor do desapossamento brusco que perdura na consciência do homem do campo. (...) A transformação da superestrutura cultural ocorre mais lentamente do que a transformação das condições materiais de produção. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 161).

O choque entre os elementos modernos da cultura de massa – amplamente divulgada pelos meios de comunicação – e os elementos conservadores da cultura do campo não resulta em uma “formação cultural burguesa”, deixando a consciência rural envolta por uma certa “incontemporaneidade”. (ibid.)

O resultado desse movimento é uma “defasagem cultural”. Uma espécie de vazio ou desorientação no que se refere a como proceder.(ibid.)

Valores conservadores da cultura rural – de independência e autossuficiência – associados à uma tendência a apoiar propostas políticas autoritárias, devido aos “vácuos ideais”, prejudicam a luta por direitos entre os jovens. Horkheimer e Adorno, (1978), relatam que adolescentes alemães de comunidades rurais, manifestam um anseio por pertencer à ordem estabelecida.

Isso gera uma menor resistência a situações de desrespeito à dignidade humana nas escolas. Movimentos de resistência, quando ocorrem, são, em sua maioria, compostos por atitudes já absorvidas pelo sistema, que não apresentam verdadeiras propostas de mudança, culminando em oposição socialmente canalizada.

Os autores supracitados, assim, propõem a necessidade de uma alteração da consciência do homem do campo, não estando claro se essa mudança seria possível através da educação ou se haveria a necessidade de mudanças nas condições materiais (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 162).

Cabe lembrar que Cambuquira não é uma comunidade rural, porém, acreditamos ser válida a utilização desses conceitos e propomos que estes podem ser aplicados não apenas no que se refere a comunidades rurais, mas também a cidades interioranas cuja cultura possui uma orientação conservadora.

Diante do que Horkheimer e Adorno sugerem sobre uma *alteração de consciência para o homem do campo*, vemos a necessidade de incluir o estudo da identidade, visto que uma consciência sobre a cidade dificilmente poderia ser problematizada sem considerar a consciência de si.

Arruda (1990), em sua pesquisa sobre a *mineiridade*, embasada pela Teoria Crítica da Sociedade, será utilizada como guia inicial no que se refere à consciência que a população tem de si e de seu papel na cidade. Ela conceitua *identidade* “enquanto síntese de traços sociais produzidos na realidade e incorporados por agentes determinados e não como expressão acabada do próprio movimento da sociedade.” (ARRUDA, 1990, p. 27). Em seguida, ela aponta a necessidade de se incorporar os componentes negadores dessa identidade, para se identificar as ideologias e as relações de dominação nela contidas. “Julgamos poder encontrar, na literatura produzida pelos mineiros, subsídios para essa tarefa” (ibid.)

O estudo sobre identidade leva em conta as considerações de Hegel. Ele coloca o *Geist* “como a alma da história e como o ‘mais alto’ tipo de razão, que também implica contemplação, volição e ação” (MANNHEIM apud ARRUDA, 1990, p. 26-27). Nessa proposição, encontra-se uma ideia de universalidade das representações sobre si.

Ciampa (2012, p. 61) acrescenta o aspecto dinâmico da identidade. O indivíduo é formado por uma série de imagens contraditórias e em constante mudança. Por sua capacidade de conferir certa *totalidade* em todas essas múltiplas e mutáveis características passa a sua identidade.

Dentro dessa dinâmica onde ocorre um esforço pela unidade de características contraditórias e mutáveis do indivíduo, as relações sociais são determinantes. Seria, assim, impossível pensar em um estudo sobre identidade de forma dissociada do social. "O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc" (CIAMPA, 2012, p. 64).

O conjunto das representações sobre si é, também, um fenômeno social. Porque é a relação com a cidade o que vai mover a dinâmica e as transformações da identidade.

Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais, conseqüentemente como objetos sem características de permanência, não sendo independentes um do outro (CIAMPA, 2012, p. 65).

Nessa relação, essencialmente dialética, o indivíduo encontra na sociedade elementos diferentes que contrastam com sua identidade (a dialética eu-outro). A negação da negação permite a alterização da identidade – relacionar aspectos individuais com aspectos sociais, políticos, históricos – na qual essa passa por metamorfoses que podem possibilitar a concretização da humanidade contida no indivíduo. (CIAMPA, 2011).

É importante, aqui, ressaltar a relação entre identidade e história. A imagem que uma população faz de si – que é um aspecto da identidade – é o resultado de sucessivo acúmulo de conteúdos deixados por experiências e acontecimentos, ano após ano, durante a história, forjando essas representações sobre si (ARRUDA, 1990, p. 133). O estudo da identidade de uma comunidade, portanto, deve incluir a apreciação de seu percurso histórico.

Uma das implicações dessa perspectiva é o reconhecimento da validade da análise do discurso singular e individual numa pesquisa sobre identidades em comunidades. Através dos relatos e ações de poucos indivíduos, pode-se ter acesso a ideologias e relações de tensão que permeiam a localidade onde eles vivem, visto que esta, momento após momento, denuncia sua influência na constituição daqueles. Desta forma, o coletivo se manifesta no individual. “Por sua participação no meio discursivo, ela [a experiência individual] sempre é ao mesmo tempo, segundo sua própria determinação, mais do que apenas individual” (ADORNO, 2009, p. 46).

A autora, a partir daí, dedica-se a definir, em termos gerais, a identidade mineira e apresenta o papel da memória na formação desta.

O tempo histórico em Minas – na capitania conectado à dinâmica do desenvolvimento europeu e pós-decadência da mineração definido pelo caráter lento – ao associar dois momentos essencialmente distintos, expressa a essência da sociedade aí gerada e reproduz um tipo particular de sociabilidade. Os traços da sociabilidade do século XIX, apesar das diferenças intra-regionais, apoiam-se em relações sociais imediatas, mesmo na região cafeeicultora, já que dela não se originaram impulsos verdadeiramente transformadores. (ARRUDA, 1990, p. 197).

Nas Minas Gerais oitocentistas o ritmo de vida urbano foi mantido com certa força devido ao seu mercado interno, que não foi concentrado e sim distribuído por todo o estado. Isso provocou o surgimento de muitas pequenas cidades. Todavia memórias sobre os tempos do ouro e pedras preciosas se mantiveram presentes no discurso dos mineiros, dando origem a narrativas míticas passadas de geração a geração. Nessas narrativas, a menção a algum traço do período áureo setecentista encontra-se presente. A identidade mineira, que Arruda (1990, p. 198) chama de *mineiridade*, surge desse encontro das histórias épicas do passado com as relações sociais do presente.

A autora levanta a possibilidade de essa característica saudosista de sempre “olhar para traz”, mantendo o passado sempre presente no imaginário, denota a dificuldade de lidar com a própria realidade e se entregar a novos projetos. O imaginário, alimentado pelas histórias míticas do passado – cabe citar as

narrativas épicas em torno da Inconfidência Mineira – deixa de reservar espaço para as tensões sociais da atualidade (ibid).

Interessante seria traçar um paralelo da história de Minas Gerais com a história de Cambuquira. De um arraial provinciano em constante contado com a cultura da metrópole (turistas do Rio de Janeiro e de São Paulo) e detentor de uma riqueza natural cobiçada no passado, para uma cidade com ritmo lento em seu desenvolvimento e suas relações sociais, no qual o relembrar o passado áureo, passando pela paisagem arquitetônica daquela época, encontra-se sempre presente no discurso. Essa lembrança do passado, que durou até os anos 80 do século passado, aparece nas narrativas dos maiores de quarenta anos.

Além de todo esse percurso em busca das identidades do povo de Cambuquira, também nos interessa acrescentar mais uma categoria de análise: as experiências de desrespeito como um fator motivador para formas de resistência.

Honneth (2009) reconstrói o processo histórico que deu origem à luta por reconhecimento. Antes do capitalismo, quando o trabalho era de natureza artesanal e artística, o indivíduo tinha certo controle sobre o produto de suas intervenções no mundo, inclusive em termos de para quem esse produto era destinado e que tipo de necessidades humanas eram por ele supridas. Fala-se, nesse período, de *relações de reconhecimento*. O advento do capitalismo alienou o indivíduo em relação ao produto de seu trabalho, bloqueando, assim, as relações de reconhecimento. A partir daí, o reconhecimento, que advinha de uma relação, passou a ser motivo de luta. E é a *luta por reconhecimento* o que está como pano de fundo dos conflitos sociais.

Para falar sobre o reconhecimento, Axel Honneth recorre a teorias elaboradas pelo jovem Hegel e à Psicologia Social de George Herbert Mead. (ibid.)

Hegel, em seus escritos de Jena, sinalizou, de forma idealista, que a formação prática da identidade fundamenta-se na experiência do reconhecimento intersubjetivo, o que reapareceu em Mead na forma alterada de uma hipótese empírica de pesquisa, com uma orientação materialista. A união dessas duas vertentes tornou-se o fio condutor de uma teoria social de teor normativo, com propósito de esclarecer os processos de mudança social reportando-se às pretensões normativas estruturalmente inscritas nas relações de reconhecimento recíproco.

O que Hegel e Mead têm em comum em seus trabalhos é a ideia de que “a reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os indivíduos só podem chegar a uma autorrelação prática quando aprendem a se conceber, da perspectiva normativa de seus parceiros de interação, como seus destinatários sociais” (HONNETH, 2009, p. 155).

Autorrelação pode ser aqui definida como um conjunto de representações, formadas pelo sujeito, que lhe permitem ter uma compreensão normativa de si mesmo como um determinado gênero de pessoa, pertencente a um coletivo. (HONNETH, 2009, p. 132). É através do reconhecimento que o sujeito tem a confirmação dessa autoimagem, na medida em que é reconhecido como membro de seu contexto social de cooperação. No pensamento de Honneth, aqui influenciado por Mead, a autorrelação serve, portanto, como uma forma de medida empírica do reconhecimento, pois quando o sujeito tem o seu reconhecimento respeitado, a autorrelação é fortalecida. Por outro lado, em situações de desrespeito ao reconhecimento, a autorrelação é enfraquecida, ou mesmo destruída.

Assim, para Honneth, a luta por reconhecimento é uma luta moralmente motivada, que contém em si o respectivo potencial para a motivação de conflitos sociais, nos quais os sujeitos, por meio do reconhecimento propriamente dito, buscam a construção e manutenção de uma autorrelação imperturbada – preservada de desrespeito. É por isso que a luta por reconhecimento é vista como a mola propulsora dos conflitos sociais e, conseqüentemente, das transformações geradas por esses conflitos.

Dito isso, vejamos as três padrões de reconhecimento intersubjetivo: o amor, o direito e a solidariedade. O amor é uma relação primária de natureza afetiva, que se apresenta nas relações sociais através da dedicação emotiva, tendo como efeito na autorrelação a autoconfiança. As formas de desrespeito ao amor são os maus-tratos e a violação, o que pode por em risco a integridade física; O direito, cujas relações jurídicas mobilizam a imputabilidade e a moral, manifestando-se pelo respeito cognitivo com o potencial evolutivo de generalização e materialização, tem como efeito na autorrelação o autorrespeito. As formas de desrespeito ao direito são a privação de direitos e a exclusão, o que pode por em risco a integridade social; A solidariedade, que se faz presente na comunidade de valores, manifestando-se através da estima social, mobilizando no indivíduo suas capacidades e propriedades, com o potencial evolutivo de individualização e igualização, apresenta

como efeito na autorrelação a autoestima. As formas de desrespeito à solidariedade são a degradação e a ofensa, o que pode por em risco a dignidade.

O reconhecimento jurídico e solidário, por serem passíveis de universalização, são a matéria-prima da luta por reconhecimento na escala social, enquanto que o reconhecimento afetivo reside no âmbito individual.

Existem, segundo o autor, algumas condições que determinam se uma pessoa ou comunidade tem ou não condições de se lançar à luta por reconhecimento.

“Como em outros contextos, a marcha negativa da demonstração oferece uma primeira forma, ainda rudimentar, de fundamentação: sem a suposição de uma certa medida de autoconfiança, de autonomia juridicamente preservada e de segurança sobre o valor das próprias capacidades, não é imaginável um êxito na autorrealização, se por isso deve ser entendido um processo de realização espontânea de metas da vida autonomamente eleitas (...). Nesse sentido, a liberdade da autorrealização depende de pressupostos que não estão à disposição do próprio sujeito humano, visto que ele só pode adquiri-la com a ajuda de seu parceiro de interação. Os diversos padrões de reconhecimento representam condições intersubjetivas que temos de pensar necessariamente quando queremos descrever as estruturas universais de uma vida bem-sucedida” (HONNETH, 2009, p. 273, grifo nosso).

Disso subentende-se a necessidade de certa segurança que possibilite à pessoa um aparato mínimo para poder lutar. Isso inclui que um coletivo se sinta seguro em termos de respeito aos direitos universais e de um mérito isonômico de suas capacidades e potencialidades, além de certa autoconfiança ao agir e se expressar.

Portanto, talvez seja necessária uma história onde exista algum reconhecimento para que se tenha estrutura para se poder lutar por reconhecimento. Pode-se assim visualizar que se uma comunidade vem de uma história onde houve um nível suficientemente bom de reconhecimento jurídico e solidário, então essa comunidade terá maior facilidade em lutar por reconhecimento. Caso contrário, tal mobilização terá menos chances de acontecer. A luta por reconhecimento, portanto, também é uma questão de identidade.

À luz destes conceitos de Honneth, estudamos as experiências de desrespeito para moradores e eventuais episódios de luta e resistência.

O conceito de resistência por nós utilizado foi o de Alfredo Bosi:

“A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições”. (BOSI, 2002, p. 134).

2. OBJETIVO DA PESQUISA

Objetivo Geral

Descrever memórias e relatos de desrespeitos e identificar sua possível relação com a resistência à dominação.

Objetivos Específicos

- Recordar fragmentos da história da cidade, da maneira como é transmitida na cultura local, de forma oral e escrita;
- Identificar memórias de experiências de desrespeito a direitos para os moradores e de resistência ao desrespeito à dignidade humana.

3. MÉTODO

3.1. Pesquisa de fontes primárias e secundárias.

Realizou-se um trabalho de levantamento da história da cidade. Consultaram-se, principalmente, as obras de Brandão (1958) – cujo livro, editado pelo IBGE, dedica-se a fazer uma descrição de acontecimentos históricos e da geografia da cidade – e de Vilhena, que publicou compilações de crônicas e matérias jornalísticas sobre a cidade, seus eventos turísticos e demais fatos marcantes na memória social.

Examinaram-se, ainda, jornais e revistas das décadas de 1930 a 1960 e uma medalha de campeão de evento poliesportivo.

Para uma melhor compreensão do contexto socioeconômico no qual a população está inserida, fez-se um levantamento de dados demográficos do município e região, tais como: senso populacional, produto interno bruto, renda domiciliar per capita, natalidade, produção agrícola, transferências da união para o município e a gestão de educação, programas sociais e saúde. Fontes consultadas foram: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Portal da Transparência do Governo Federal.

3.2. Pesquisa Empírica:

Realizaram-se três entrevistas.

A primeira entrevista foi com uma senhora de 80 anos e teve como tema suas memórias sobre os anos 40 a 50 do século XX. Falou-se do choque de culturas entre os turistas e a população nativa e sobre a influência dos jogos de azar na cidade e sua referida proibição.

A segunda entrevista foi com uma senhora de 73 anos, focada em suas memórias sobre as décadas de 1960 e 1970. Surgiu o tema dos Jogos Abertos de Cambuquira.

A terceira entrevista foi com um senhor de 78 anos que foi organizador desse referido evento esportivo. Esta foi uma entrevista complementar, com o intuito de ouvir detalhes de alguém envolvido diretamente com os *Jogos Abertos de Cambuquira*.

As entrevistas foram elaboradas combinando os procedimentos de *história de vida e perguntas exploratórias* (BOSI, 2013, p. 55). Nelas, o entrevistado foi incentivado a lembrar espontaneamente parte de sua história de vida e, com o cuidado de não alterar o curso de sua narrativa, foram feitas perguntas que tinham os objetivos de (1) manter sua atenção no assunto surgido de suas memórias e (2) buscar maiores informações sobre o contexto social da época rememorada.

As entrevistas, assim, iniciaram-se com uma premissa:

“Conte uma memória sobre a cidade. Alguma coisa do passado que lhe chamou a atenção”.

Em seguida, construiu-se um diálogo sobre detalhes do fato relatado, fazendo surgir o seu contexto cultural, econômico e social.

4.0. HISTÓRIA LOCAL

4.1. Entrevista sobre a cidade na década de 1940

Realizamos uma entrevista com uma senhora de 79 anos que forneceu informações sobre acontecimentos das décadas de 1940 e 1950. O encontro realizou-se em sua casa, no dia quatro de novembro de 2015, e durou aproximadamente 45 minutos.

A conversa iniciou-se com o mote: “Conte uma memória sobre a cidade. Alguma coisa do passado que lhe chamou a atenção”. A maior parte do relato da entrevistada teve essa indagação como eixo, tomando o cuidado de, discretamente, direcionar o seu discurso no sentido de permanecer no assunto, sem se dispersar. Sua narrativa se concentrou no período áureo do turismo voltado aos hotéis e às águas minerais da cidade e à sua paulatina decadência nos anos seguintes.

Como nosso tema inclui a luta pelo reconhecimento de direitos na cidade, acrescentamos perguntas sobre o posicionamento da população em relação ao turismo e à sua crise.

A entrevistada nasceu em 1936 e estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Tem quatro filhas, todas casadas. Tornou-se viúva há aproximadamente 7 anos. Atualmente é comerciante e aposentada como costureira.

Segue seu relato.

Pesquisador: Conte uma memória sobre a cidade. Alguma coisa do passado que lhe chamou a atenção.

Entrevistada: Quando tinha veraneio aqui em Cambuquira. Aí era bom. Muita gente. Aqui em Cambuquira era uma beleza. Quando chegava tempo de férias, essas coisas, fim de ano, tinha muita gente de fora. Muito veranista, sabe? Os hotéis ficavam lotados. E o que eu mais achava bonito era na hora do almoço e na hora da janta. As mulheres se arrumavam como se fossem sair para um baile. Aquelas roupas chiques. Você precisava ver que beleza que era.

Eu tenho saudade desse tempo. E minha mãe costurava pra fora e eu ia para muitos dos hotéis entregar costura. Chegava e parecia que estava tendo uma festa de tanta gente arrumada e bonita. É a única coisa de que tenho saudade aqui

na Cambuquira, porque acabou tudo, né? Não tenho muito mais o que falar, não, porque eu quase não saía, né, Lúcio? Não sabia das coisas direito.

E à noite, na rua principal, na Rua Direita, como se chamava, era uma beleza, o povo descia e subia a rua. Tinha um lado em que ficava o pessoal mais chique e do outro lado o povo mais... sabe, não misturava muito, não. E era muito bonito.

Pesquisador: Isso foi em que década?

Entrevistada: Quando eu casei já não tinha essas coisas, em 1953. Eu tinha uns 15 anos, então foi na década de 1940. Muito tempo, né? Na Rua Direita tinha um movimento que você precisava ver. Os veranistas ficavam em todos os hotéis. Você precisava ver o “Hotel Elite” que bonito que era. Aquele hotel era maravilhoso! Ali é que ficava o povo bem vestido. Você passava assim e todos estavam sentados naquela varanda. Era uma beleza, era muito boa essa época. *Depois acabou tudo, né? Foi acabando.*

Pesquisador: O que você mais gostava desse movimento de veranistas?

Entrevistada: Que trazia muito dinheiro pra cidade. Fazia mais movimento, deixava dinheiro. Ajudava bem a cidade, que era parada. Eu gostava de ver aquelas senhoras bem vestidas. É que eu era menina, né? Não conhecia. Achava aquilo uma beleza. A gente não frequentava muito essas coisas, né? Pouco sabe sobre isso.

Minha mãe costurava para fora. Fazia as roupas para as moças dos hotéis eu ia entregar lá. Por isso eu via o movimento. As veranistas se arrumavam mesmo para descer para o jantar. Igual a esses filmes que a gente vê, de época. *Hoje acabou tudo, não tem mais nada. Até os hotéis acabaram.*

Mamãe, às vezes para pagar escola pra gente costurava para o povo, para descontar na mensalidade. Nossa vida era muito sacrificada. Meu pai trabalhava no fórum como oficial de justiça e, quando se aproximava a estação de férias, ele ia nos hotéis para envernizar as mobílias de quarto, essas coisas. Deixava tudo novinho. Oficial de justiça ganhava pouco naquela época. Eu estudei até o limite de séries que tinha na cidade. Se quisesse continuar estudando tinha que ir pra fora e a gente não podia.

Pesquisador: Como era a escola em que a senhora estudou?

Entrevistada: Estudei no ginásio *Nossa Senhora das Vitórias*. Estudei até a quinta série. Estudei em escola particular. Tinha uma muito boa aqui em Cambuquira e minha mãe pôs a gente lá. Ela pagava com costura, porque não tinha dinheiro. Minha mãe fazia os uniformes da escola e isso pagava as mensalidades da gente. Já tinha escola pública também. Mas minha mãe quis nos colocar na escola particular porque eram professoras muito boas. A dona da escola era amiga da gente, sabe?

Pesquisador: E sobre aquela época dos veranistas, o que mais lhe chamava a atenção?

Entrevistada: Os jantares sempre pareciam festas nos salões dos hotéis. Minha mãe tinha uma comadre que era dona do “Hotel Ideal”, lá onde hoje é o “Hotel Ana Virgínia”. Ela sempre levava a nós lá pra dentro. Tinha dia em que ela levava a gente lá no cantinho do salão em uma mesa. Ela sentava junto, ficava lá, dava alguma coisa pra gente comer. Era assim. Minha mãe trabalhava em casa e ia lá para visitar a comadre. Não tenho muito mais o que falar dessa época.

Pesquisador: Fale mais um pouco mais sobre as roupas dos turistas.

Entrevistada: Eram as mulheres que vinham de fora para a estação. Eles chamavam de estação, que era o período do turismo, de dezembro a janeiro. As mulheres andavam muito bem vestidas, você precisava ver. Parecia que iam à uma festa de tão bonitas que estavam. Na hora do jantar desciam aquelas mulheres bem vestidas, no Hotel Elite, e eu ia muito lá porque minha mãe costurava para elas e eu sempre levava roupas para os hotéis.

Pesquisador: O que os veranistas faziam no hotel durante o dia?

Entrevistada: Saiam, iam ao parque, lanchavam no hotel.

Pesquisador: E quando começou a diminuir esse movimento de veranistas?

Entrevistada: Quando eu casei, em 1953, já não tinha quase nada. Aí foi decaindo, decaindo, hotel foi fechando e agora está isso aí que você está vendo.

Pesquisador: Como estava esse movimento, então, na década de 1960?

Entrevistada: Não tinha mais esses hábitos chiques. Mas na Rua Direita ainda tinha aquela separação de passeio de rico do lado esquerdo da rua e passeio de pobre, do lado direito. O hotel mais bonito na minha época é o “Hotel Elite”. Dentro dele tinha uma grande escada de madeira que ia até o salão de festas.

Pesquisador: Fale mais sobre esse fato de ter passeio de rico e passeio de pobre na rua direita.

Entrevistada: [Risos] Tinha. Do lado do *Hotel Globo* era o pessoal mais rico, e do lado do *Hotel Santos Dumont* era o pessoal mais pobre. Ficava tudo separado. Era engraçado. Naquela época tinha muito racismo. Mas eu acho que não era tanto pobre e rico, não. Era o pessoal do centro e os turistas de um lado e o pessoal dos bairros no outro. É que eles não se misturavam. Aqui em Cambuquira, também, ninguém era *muito rico*.

Pesquisador: E o que acontecia se pessoal do passeio do *Hotel Santos Dumont* fosse para o outro? Havia conflito?

Entrevistada: Nada. O povo não brigava, não tinha essas coisas. É que o povo não ia, ficava mesmo já separado, cada um de um lado. Já estavam todos acostumados com aquilo.

Pesquisador: Como era a relação entre os veranistas e os cambuquirenses?

Entrevistada: O povo daqui era muito retraído. Cidade atrasada ainda. Tinha até vergonha de se comunicar com esse pessoal. Não se misturava muito. Quando os veranistas iam em casa pra ver costura com a minha mãe, eu ficava com vergonha de falar com eles. Eu não saía de casa. Quando saía era só com a mamãe para ir à missa. Não passeava muito. O padre na época era muito bravo. Não podia entrar na igreja de calça. Só de saia. Às vezes turistas iam com esse tipo de roupa que não podia. O padre ficava falando, durante a missa, que não podia, que aquilo era errado. Ficava dando indiretas. Aí as turistas iam saindo de fininho da igreja.

Pesquisador: A senhora presenciou a existência de jogos de azar?

Entrevistada: Não, porque o jogo era no cassino. Na rua Direita, ao lado do cinema, onde hoje fazem exposições de fotografias de vez em quando. Não sei muito sobre o jogo porque nessa época eu era adolescente e a gente não entrava no cassino. Nem pensar que minha mãe e meu pai deixariam. Naquela época os pais eram muito severos. Já vi fichas de jogo. Eram umas fichas redondinhas de plástico, coloridas, iguais às que a gente vê na televisão mesmo. Isso aqui há uns anos atrás era uma beleza. Cambuquira. Eu peguei muita coisa boa.

Pesquisador: Havia jogos de azar dentro dos hotéis?

Entrevistada: Não sei, nunca ouvi falar. Acho que eles saiam dos hotéis para ir ao cassino. Porque era jogo pesado, não é? Jogo de azar.

Pesquisador: Você se lembra de alguma luta que tenha ocorrido na cidade para tentar evitar a crise do turismo?

Entrevistada: O pessoal não fez nada. Não fez não. Os prefeitos sempre foram ruins. Nunca teve um prefeito de punho. Aí o povo não fazia nada e o prefeito era ruim. Já desde a década de 40 eu ouvia comentários de que a prefeitura não investia em turismo e foi decaindo porque ninguém se mexeu. Eu acho que se tivesse alguém de punho mesmo o negócio não acabava. Os prefeitos foram mudando e teve só um ou outro que fez alguma coisa pelo turismo.

Pesquisador: Mas, além do desempenho dos prefeitos, houve alguma outra iniciativa pela cidade?

Entrevistada: Não tinha, não. Quando começou a decair o turismo ninguém apareceu para ajudar. Os prefeitos foram ficando todos relaxados. Porque o que dava mais movimento na cidade era o jogo mesmo e não podia fazer mais. E eu acho que um prefeito, se ele se virar bem, se for sempre para Belo Horizonte atrás de verba ele consegue. Ainda mais se for em época de eleição. E aqui eles ficaram mais parados.

Pesquisador: E a senhora acha que depois acabou tudo? O que acabou?

Entrevistada: O movimento de Cambuquira. Aquele movimento do turismo. Foi diminuindo e acabou de uma vez. Os hotéis foram ficando todos ruins, foi acabando.

4.1.1. Interpretação da entrevista

A memória é um processo dinâmico no qual passado e presente se complementam. O processo começa com a percepção. Quando o organismo humano entra em contato com um objeto, por meio dos órgãos dos sentidos, e esse objeto chega-lhe à consciência, está-se falando em percepção. É um processo que gera uma *representação* do objeto, ou seja, uma imagem mental, uma ideia. Essa representação possui sempre uma diferença em relação ao objeto representado, em termos, por exemplo, de textura, cores, tamanho, etc. E essa representação fica armazenada na memória (BOSI, 2015).

Se nos concentrarmos no processo de formação de uma representação, vemos que o ato perceptivo é influenciado por outros processos psicológicos. O pensamento – que pode ser visto como a capacidade de processar e relacionar ideias aferindo-lhes um sentido – não atua de forma totalmente consciente. Há uma intervenção do inconsciente que acrescenta à formação da representação recordações já existentes no psiquismo. Memorizamos o presente com base no que lembramos do passado e a ideologia age como uma espécie de filtro que determina a forma de cada um memorizar e relembrar (ibid.).

A memória tem um papel diferente na vida do jovem e na vida do velho. A atividade psíquica do jovem está sempre voltada para a ação presente. Para o dia-a-dia. Relembrar, para ele, é uma atividade de recreação e relaxamento. Um momento de fuga da realidade (ibid.).

Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar do passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, 2015, p. 60).

Inicialmente chama a atenção o fio condutor que iniciou as recordações presentes na entrevista: a *moda*. A vestimenta das turistas da cidade foi a primeira coisa lembrada e foi citada várias vezes durante o relato.

A moda não é uma forma de arte em si, mas, segundo Oliveros (2010), pode ser vista como um manifesto artístico.

Eles [os estilistas] não produzem somente em roupas para vestir, mas criam, a partir de códigos da própria moda, trajes repletos de mensagens, atitudes, conceitos que alargam os sentidos do que é o ato primordial do paraíso perdido: cobrir-se. (...) Nesse caso, [a moda] não deve ser entendida como roupa, assim como o cinema não deve ser considerado, em sua essência, como filme, mas como um sistema que afirma seu tempo. (OLIVEROS, 2010).

Através do desenho e da forma do vestuário pode-se expressar um questionamento dos costumes que permeiam a sociedade, atitude que define um artista.

A entrevistada, aos 15 anos de idade, sentiu-se tocada pela *imagem* surgida da moda utilizada pelas turistas da época lembrada. Essa comoção, durante seu relato, teve como critério a beleza e não a utilidade. Por isso, pode-se considerar o seu encontro com aquela cena como uma experiência de *expectadora genuinamente estética* – utilizando-se aqui a terminologia de Bolz e Fontaine (1992) – típica da apreciação de uma manifestação artística, o que lhe permitiu entrar em contato com parte da cultura do estrangeiro e conhecer um outro tipo de vida.

Foi possível notar, em suas palavras, que as vestimentas das veranistas eram bastante diferentes das roupas das cambuquirenses. Ou seja, a moda sinalizava uma diferença de classe social, quando vista sob o aspecto de mercadoria – algo destinado ao consumo e ao descarte, por uma determinada classe social. Mas, sob o prisma da estética, parece ter formado uma via de diálogo entre as duas culturas. A moda foi o fio condutor na narrativa da entrevistada no que diz respeito aos hábitos dos veranistas que ela conheceu quando jovem.

Cabe lembrar que outra manifestação estética – a arquitetura dos hotéis – também foi citada e contribuiu no estabelecimento desse contato com o passado, trazendo à entrevistada os afetos sentidos quando frequentou esses lugares que refletiam o clima de abundância de recursos da época, bem como a sua juventude.

O trabalho – como entregadora de roupas – foi a via que lhe permitiu frequentar esse ambiente geralmente reservado aos veranistas. Isso remete ao que Simone Weil (1943) fala sobre o *enraizamento*. É a necessidade humana de ter uma raiz em uma coletividade e o sentimento de pertencer a um território – um bairro, uma sociedade, etc.

A entrevistada entrava nos eventos dos hotéis apenas a trabalho – ou por meio da boa vontade de uma cliente dona de hotel⁵. As reações que ela descreve nesse ambiente (deslumbramento e retraimento) sinalizam que ela não se sentia pertencente àquele território. Parece haver aí uma dúvida sobre o enraizamento em sua própria cidade. O mesmo parece se aplicar aos cambuquirenses em geral. Na rua principal da cidade, em uma calçada ficavam os veranistas; na outra os nativos. Estes, por fim, parecem que não se sentiam pertencentes às ruas de seu próprio município.

O questionamento acerca do *enraizamento* em sua própria cidade, que parece acometer os nativos da cidade turística, resulta na situação em que o indivíduo fica com a impressão de que *sou daqui, mas aqui não é tão bom; a metrópole é melhor*.

Na medida em que a narrativa da entrevistada se desenvolve, vê-se o contato da cultura da cidade pequena com a cultura das grandes cidades. O modo de ser interiorano, segundo seu relato, costumava ser conservador, embasado pela economia doméstica e de orientação religiosa. Parece ter havido um choque – entre os hábitos e costumes dos veranistas que tinham dinheiro para consumir e a população interiorana cuja renda era menor – que causou, na entrevistada, um certo deslumbramento com a beleza de vestimentas e hábitos (como o de se vestir bem para o jantar em um hotel) que não conhecia. Ao mesmo tempo, gerou desconforto e desconfiança, expressos em sua timidez ao se aproximar das pessoas de fora. Dificuldade esta que, em seu relato, era compartilhada por muitos de seus conterrâneos.

O projeto urbanístico de Cambuquira não seguiu o estilo predominante na América Latina, segundo o qual as cidades são projetadas tendo em seu centro uma grande praça em torno da qual floresce sua vida social e econômica, como foi explicado por Berman (2010, p. 13).

No lugar de praça, existe uma avenida onde foi construída a maioria dos hotéis, bares, restaurantes e estabelecimentos comerciais da cidade. É popularmente chamada de *Rua Direita*⁶ e – assim como no período narrado pela entrevistada – é o principal ponto comercial e de convívio da cidade. Nas décadas

⁵ É curioso lembrar que Simone Weil escreveu o texto “O Enraizamento” na mesma década em que a entrevistada entregava roupas nos hotéis.

⁶ Seu nome oficial é *Avenida Virgílio de Melo Franco*.

de 1940 e 1950, segundo a entrevistada, havia uma cisão nesse convívio, onde os veranistas e os cambuquirenses residentes no centro da cidade ficavam em uma calçada da rua e os moradores dos bairros periféricos na outra. Trata-se de um rico exemplo de manifestação das tensões sociais da época – apesar de não haver ocorrências de conflitos de forma mais clara e evidente.

Podemos aqui supor que esse local se apresentava como sendo democrático. Como espaço público, a rua era frequentada por todos. Mas a barreira da classe social sutilmente se impôs.

A título de ilustração, citaremos as reflexões feitas por Berman acerca dos escritos de Gogol sobre a Avenida Nevski, em São Petersburgo. O Projeto Nevski foi concebido para ser uma grande avenida na qual as pessoas poderiam passear e socializar, sem se ocuparem das obrigações do cotidiano. Era frequentada pela elite local, enquanto os artesãos e funcionários públicos de baixo escalão circulavam pelas ruas vizinhas (apesar de não haver nenhuma norma oficial que os obrigasse a isso). Em uma crônica publicada em 1836, Gogol (apud BERMAN, 2010, p. 242) informa que a avenida Nevski, anteriormente bastante agitada, havia decaído por completo. Os artesãos e funcionários passaram a frequentar a rua e, por causa disso, a nobreza optou por fazer seus passeios em outro lugar, para não ter “contato físico com funcionários e artistas plebeus” (ibid.).

O Projeto Nevski e a literatura russa representam a mesma promessa enganosa: uma linha na qual todos os homens podem se comunicar livremente e se reconhecer igualmente. Contudo, na Rússia da década de 1840, uma sociedade que combina modernos meios de comunicação de massa e relações sociais feudais, essa promessa é uma zombaria cruel. Os meios de comunicação que parecem unir as pessoas — rua e imprensa — apenas dramatizam a enormidade do abismo entre elas. (BERMAN, 2010, p. 246).

O exemplo do Projeto Nevski se refere a um período, local e contexto completamente diferentes do nosso objeto de estudo. Nossa iniciativa de citá-lo aqui tem o intuito de ilustrar a ideia de que as tensões sociais permanecem em vigor independentemente de uma eventual proposta arquitetônica ou urbanística concebida para incentivar a diversidade.

A *Rua Direita*, que talvez tenha sido projetada para facilitar o convívio entre as pessoas, tornou-se um catalisador de conflitos ocultos. Exemplifica as relações de tensão entre veranistas e cambuquirenses.

Demandas capitalistas, como o consumo de entretenimento – jogos de azar em cassinos – e de tratamentos medicinais alternativos, impuseram-se na região. No período em que se passa o relato da entrevistada a economia da cidade já era dependente do turismo e, lembrando a narrativa de Brandão (1958), a própria cidade parece ter sido criada para isso.

Berman (2010) dedicou-se a investigar as características da cultura da modernidade, que é a cultura originada a partir do advento do capitalismo. Ele utiliza a história de Fausto, de Goethe, para explicar a implantação e a lógica do capitalismo. Nela, Mefistófeles representa o espírito da modernidade, cujos valores são a velocidade e um desenvolvimento incessante, que deve ser sobreposto a qualquer coisa. Tal desenvolvimento, assim, sobrepõe-se a outras formas de se relacionar com o mundo e considera apenas seus próprios interesses.

Tornou-se claro – e Goethe podia tê-lo antecipado – que sob as pressões econômicas do mundo moderno o processo de desenvolvimento precisa ele próprio caminhar no sentido de um perpétuo desenvolvimento. Onde quer que o processo ocorra, todas as pessoas, coisas, instituições e ambientes que foram inovadores e de vanguarda em um dado momento histórico se tornarão a retaguarda e a obsolescência no momento seguinte. (...) Se pararem para descansar, para ser o que são, serão descartados. (BERMAN, 2010, p. 98).

No mundo moderno há, portanto, ciclos de inovação e obsolescência, de prosperidade e ruína, ou de ascensão e declínio de um determinado setor econômico, como o veraneio em uma estância hidromineral. “Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’”. (BERMAN, 2010, p. 24, grifo nosso).

Nas memórias da entrevistada aparece esse movimento do capitalismo. Enquanto havia interesse pelo turismo, os veranistas *traziam dinheiro para a cidade*. Consumiam seu produto. Com o passar do tempo, esse produto tornou-se obsoleto e foi descartado.

É possível observar que Cambuquira foi, ao menos por duas vezes, transformada pela dinâmica do capitalismo. Inicialmente, a partir da década de 1890, a cidade agrária esteve na pauta de investidores das metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo). O turismo, então, prosperou e se tornou sua principal fonte de renda. Em seguida, no fim dos anos 40 e início dos 50 do século passado, sua economia foi prejudicada pela retirada brusca desses investimentos. Vê-se aí uma face do

capitalismo que não considera os custos humanos de seus empreendimentos. Prevaleceu a premissa mefistofélica de que o “crescimento humano tem custos humanos; qualquer um que deseje tem de pagar o preço, e o preço é altíssimo”. (BERMAN, 2010, p. 74).

Assim, quando a entrevistada afirma que o auge do turismo foi na década de 40 do século passado e que em 1953 o fluxo de veranistas já mostrava sinais de decadência, seu relato condiz com os registros históricos. Brandão (1958) descreve que a cidade foi emancipada em 1909, recebendo investimentos de empresas privadas. Hotéis que abrigavam cassinos floresceram nas décadas seguintes até a proibição dos jogos de azar no país, o que aconteceu em 1946 (BRASIL, 1946). Uma das principais molas propulsoras da economia local desapareceu a partir daí. Restou a beleza natural da cidade e o efeito medicinal de suas águas minerais, cuja procura foi menor.

Frases como “acabou tudo” e “agora está isso aí que você está vendo” denotam uma frustração diante de uma cidade que, em seu ver, não se desenvolveu.

Mas a lacuna deixada no turismo pela proibição dos jogos de azar será preenchida por outro tipo de evento, como se verá nos relatos seguintes.

4.2. Entrevista sobre a cidade na década de 1960

A entrevistada nasceu em 1943, tem como formação acadêmica graduação e mestrado em letras. Aposentou-se como professora de ensino fundamental e ensino superior. Sempre morou em Cambuquira, já tendo publicado contos e crônicas sobre a cidade. Casada, tem um filho e uma filha em idade adulta.

Pesquisador: Fale sobre algum fato histórico que a senhora tenha testemunhado na cidade.

Entrevistada: A época dos *Jogos Abertos de Cambuquira*. Então, chegavam os times de São Paulo, de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro. Todos eles vinham com esse intuito de jogar, de participar do tênis, do vôlei, do futebol e, durante muitos e muitos anos, aqueles times vieram. Com moças muito bonitas, eles faziam, inclusive, desfile na rua, vinham cheios de bandeiras. Foi uma coisa muito interessante e que marcou muito o esporte de Cambuquira, sendo que Cambuquira sempre foi uma cidade muito voltada para o esporte. Quando não havia nenhuma quadra de esportes em Campanha, Três Corações, Conceição do Rio Verde⁷, Cambuquira tinha. Sabe, isso chamou muito a atenção. Muitas pessoas vieram. Foi uma festa muito marcante e infelizmente acabou.

Pesquisador: Isso foi em que ano?

Entrevistada: Foi em 1960 e por aí a fora. Sabe, 1961, 62, 63. Durante todo esse tempo teve essa temporada esportiva. Depois eles não conseguiram fazer mais, por falta de recursos. Os times não tinham mais dinheiro e porque, também, o Brasil entrou em estado de sítio e o presidente da república proibiu aglomerações. Então o prefeito Jorge Noronha até pelejou para tentar reativar, mas não conseguiu. Não conseguiu por causa dessa situação em que não podia aglomeração e até mesmo porque os times também não tinham dinheiro. Aí se tornou muito difícil, o que foi uma pena, não é? Porque atraía muitos turistas, vinha muita gente em busca do esporte e do lazer, mas aproveitava também o uso da água mineral. Então foi um período marcante e importante para a vida turística da cidade.

⁷ Cidades que fazem limite com o município de Cambuquira, MG.

Pesquisador: E quais times ficaram sem dinheiro?

Entrevistada: Vários times vieram aqui e resolveram não vir por causa disso. Times do Rio de Janeiro: América, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Grajaú, Icaraí, Tijuca e Vasco. Vieram vários do estado de São Paulo também. Alguns não vieram mais porque não tinham dinheiro e outros por causa do estado de sítio em 1964, época do início da ditadura. Muitos times deixaram de vir por causa desse estado de sítio, que foi uma coisa bem confusa naquela época.

Pesquisador: Que idade você tinha nessa época, quando os Jogos Abertos estavam no auge?

Entrevistada: Tinha mais ou menos uns 13, 14 anos. Eu sempre gostava muito do tênis. Eu sempre joguei tênis desde criança, então me chamavam muito a atenção os jogos de tênis, que eu achava interessantíssimos. Os de vôlei também eram muito interessantes. Futebol... tudo era muito interessante. Foi uma temporada muito boa. Era sempre na segunda quinzena de abril.

E em 1964, como eu disse há pouco, o prefeito Jorge Noronha pelejou para reativar, mas não conseguiu por causa dessa situação. Eles [da ditadura militar] tinham medo de atos terroristas, morriam de medo de atos terroristas, subversivos. Eram do departamento de turismo de Cambuquira o Paulo Felisberto Ferreira e o Sérgio Santos Costa. Eles tentaram reativar mas não conseguiram. O que foi uma pena.

Pesquisador: Quer dizer que a senhora gostava dos jogos de tênis?

Entrevistada: Gostava muito de ver. E outra coisa, também: a moçada gostava muito de ver os rapazes. Eram rapazes muito bonitos do vôlei, do futebol e do basquete, que eram rapazes muito bonitos e muito altos. Eram pessoas que chamavam a atenção.

E também as moças chamavam muito a atenção, porque depois dos jogos tinha o concurso de *Miss Objetiva* e os rapazes ficavam encantados com a beleza das moças. Muitos iam só para ver esse concurso de *Miss Objetiva*. Era um concurso no qual moças representavam as cidades que participavam dos Jogos Abertos – Cambuquira, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Elas entravam desfilando de maiô e ganhava a que tinha o corpo mais bonito, que, naquela época, era a mulher “cheinha”. Não era a mulher como hoje, reta, “tábua de passar roupa”,

como a Gisele Bündchen. Então, na época, a mais “rechonchudinha”, a mais bonitinha, de pernas mais bonitas, é que levava sempre o primeiro lugar. Aqui em Cambuquira nós temos a Laisse Ponzó que foi a primeira colocada, pois era muito bonita.

Pesquisador: E nessas ocasiões em que a senhora foi aos jogos, do que a senhora mais gostava?

Entrevistada: Do ânimo das pessoas. No tênis os atletas jogavam em dupla ou sozinhos. Os do vôlei também eram muito interessantes, tanto o masculino quanto o feminino. Eu sempre ia com as amigas. Toda a moçada descia para *Praça de Esportes*⁸, porque era muito importante. Lá eles vendiam pipoca, vendiam laranjas, enfim, era um verdadeiro piquenique.

Meus pais achavam interessante e frequentavam também. Tinha uma tia nova que ia sempre e arranjava namorado, eles gostavam daquela confusão – confusão que eu falo é no sentido de alegria. Eles gostavam de ir. Em abril todos reservavam seu tempo e seu dinheiro para descer e comprar as coisas lá em baixo.

A maior parte do público era de cambuquirenses e de gente das cidades vizinhas, porque não havia praças de esportes nas cidades vizinhas. Só Cambuquira.

Havia uma abertura que comunicava a Praça de Esportes ao Parque das Águas⁹. Era tudo conectado, você não precisava pagar para entrar no parque. Da praça de esportes você já saía dentro do parque. Havia, logo após essa entrada, um posto dos Correios para os veranistas enviarem cartões postais. Inclusive, em um belo dia, tinha uma pessoa trabalhando lá que eles suspeitavam que era um comunista. Foi uma cena horrível, porque eles chegaram lá com carabina e tudo – os soldados – para prender a pessoa que trabalhava lá. Era a época da ditadura! Foi uma época muito difícil, muito forte.

Pesquisador: Você presenciou isso, eles prendendo a pessoa?

⁸ Praça de Esportes é o nome popular do Cambuquira Tênis Clube. Um espaço, pertencente à prefeitura local, onde há uma quadra poliesportiva, uma quadra de vôlei, duas quadras de tênis e uma piscina olímpica.

⁹ Principal atração turística da cidade, onde existem fontes de água mineral, um balneário hidroterapêutico e uma ampla área arborizada para lazer. Atualmente, a Praça de Esportes e o Parque das Águas não são conectados.

Entrevistada: Não, eu cheguei depois. O clima ainda estava muito tenso. Lembro de quem é essa pessoa, era até meu amigo, o Zé Botina. Isso foi pouco antes da temporada esportiva daquele ano. Ele ficou um tempo preso e saiu. Foi torturado, ele e outros tantos. Então era um período de muito silêncio, muita insegurança. A pessoa tinha que ter calma, mas era um período de insegurança. Eles [os militares] buscaram outras pessoas em Cambuquira e essas pessoas foram presas. Saíram presas daqui, não sei para onde eles enviaram. Não sei se foi para Lavras ou Juiz de Fora, mas eram os lugares onde eles prendiam as pessoas. Foi um período muito duro, muito difícil, porque eram pessoas boas, sabe? E que a gente conhecia.

Pesquisador: Imagino que possivelmente esse sujeito preso no correio nem tinha nada a ver com o comunismo, não é?

Entrevistada: Ele tinha um amigo comunista. Nelson Werneck Sodr¹⁰, um grande professor de literatura, escritor. Eu tenho até livros de literatura dele. O meu amigo José Pedro Costa, o Zé Botina, só tinha amizade com Nelson Werneck Sodr¹⁰. Não acredito que ele fosse comunista.

Mas o Nelson Werneck Sodr¹⁰ era comunista e, inclusive, escrevia. Eu tenho um livro dele de literatura, com o qual, quando eu era aluna na universidade de Três Corações – você sabe que lá tem exército¹¹ – um dia eu quis fazer uma pesquisa. Entrei na biblioteca e pedi um livro do Nelson Werneck Sodr¹⁰. A bibliotecária disse [sussurrando] “ah, vem aqui”. Abriram uma gaveta com uma chave enorme, tiraram lá de dentro o livro e me entregaram. Quer dizer: o livro era excomungado. Não podia naquela época. Em 64 não podia. E anos depois eles mantinham guardados, na universidade, livros de qualquer autor suspeito.

Pesquisador: Quais outros efeitos do golpe de 64 você viu na cidade. Lembra-se se houve alguma resistência?

¹⁰ Nelson Werneck Sodr¹⁰ (1911-1999) foi um militar, professor e escritor brasileiro. Membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi para a reserva com a patente de general em 1962, depois de sofrer represálias por seu posicionamento político. Após o golpe de 1964 foi preso e teve seus direitos políticos cassados. É autor de 58 obras literárias, dentre elas *História da literatura brasileira, História nova do Brasil e 1995: A farsa do neoliberalismo* (CPDOC, 2015).

¹¹ A entrevistada se refere à ESA – Escola de Sargentos das Armas, localizada em Três Corações, MG, a 19 km de Cambuquira.

Entrevistada: Não, porque as pessoas das quais eles suspeitavam foram presas. Todo mundo morria de medo de abrir a boca. Você não podia nem falar que era amigo daquela pessoa que foi presa. Houve um silêncio total, porque todo mundo sabia que, se falasse alguma coisa, seria preso e torturado. Foi uma questão de medo. Aqui em Cambuquira teve muita gente perseguida, como o Eloi, o Zé Botina, o José Fonseca. Eles invadiam a casa da pessoa, prendiam e levavam para outras cidades.

E outra coisa: no cinema, o *Cine Elite*, quando a gente saía da sessão não podia haver aglomeração. A gente não podia mais ficar em frente ao cinema e conversar sobre o filme. Tinha que cada um ir logo para casa. E o medo? Todo mundo tinha muito medo. Quando a gente via uma pessoa estranha a gente logo dava um jeito de ir embora, porque sabíamos que existiam agentes à paisana vigiando.

No turismo, o principal foi mesmo o fim dos Jogos Abertos. Esse evento estava no auge e, de repente, houve esse baque e acabou. Alguns esportistas cambuquirenses foram atuar em clubes grandes. Houve um nadador que foi embora para seguir a carreira esportiva. Com o fim dos jogos ficou um vazio, mas Cambuquira tinha uma grande vocação esportiva e foram criando muitos times locais. Os Jogos Abertos acabaram, mas o esporte local continuou.

4.2.1. Jogos Abertos de Cambuquira

Em 1949, Milton Rodrigues¹² produziu um documentário cinejornalístico que registrou os *VIII Jogos Abertos de Cambuquira*. Trata-se de um rico registro histórico dos já citados jogos, que tiveram sua primeira edição no ano de 1942 e recebiam delegações de times das principais cidades do país.

O filme se inicia com o desfile de abertura dos jogos, com as delegações das cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Vicente, São José dos Campos e São Paulo, além de representantes de municípios sulmineiros, como Varginha, Três Corações e Caxambu.

¹² Milton Falcão Rodrigues (1905-1972) foi um cineasta brasileiro que participou da realização de 18 filmes, trabalhando como produtor, diretor e roteirista, durante o período de 1938 a 1950. Era irmão do escritor Nelson Rodrigues (IMDB, 2016).

Alguns dos times citados são: Tijuca (RJ), Vasco, Botafogo, Atlético Mineiro e Pinheiros (SP).

Há um trecho intitulado *Ademir em lua de mel em Cambuquira*. Vê-se o artilheiro Ademir Marques de Menezes, o “queixada”, juntamente com o goleiro Barbosa, na piscina da *Praça de Esportes*. Na ocasião, o time do Vasco da Gama (RJ), após ter vencido o Campeonato Sul-Americano de Campeões, no Chile, teve sua delegação homenageada nos *Jogos Abertos de Cambuquira*.

Esses dois jogadores de futebol são considerados, respectivamente, o maior artilheiro e o maior goleiro da história do Vasco. Ambos estavam em campo na final da copa do mundo de 1950, quando o Brasil perdeu o título de campeão para o Uruguai. Isso não impediu Ademir de ser o artilheiro da copa, com nove gols. Apenas um ano antes desse marcante evento, Ademir foi filmado em Cambuquira, praticando natação e passeando com sua esposa, Augusta, no Parque das Águas.

O filme também registra o concurso de miss. É citada uma homenagem às *princesas dos jogos*. Há imagens de duas belas moças bebendo água mineral ao sol enquanto o narrador descreve a cena dizendo que “graça e beleza se unem no mesmo ideal de eugenia” (RODRIGUES, 1949). É uma indicação da ideologia que ditava os padrões de beleza da época. A *eugenia* foi a “ciência que trata dos fatores capazes de aprimorar as qualidades hereditárias da raça humana” (SCHULTZ, 2000, p. 133). Segundo sua doutrina, as habilidades humanas eram possibilitadas pela hereditariedade e não pelas oportunidades. O conceito – hoje obsoleto – esteve em pauta no Brasil durante as primeiras décadas do século XX, podendo, inclusive, ser encontrado em crônicas esportivas (RODRIGUES, 1949; VINCENZI, 1943, p. 15).

Segundo o depoimento da entrevistada, os jogos permaneceram em funcionamento, com o mesmo padrão de qualidade, até o ano de 1963. Relatos da imprensa esportiva informam que o time de voleibol do Botafogo (RJ) foi campeão dos Jogos Abertos de Cambuquira em 1963, derrotando o Tijuca e o Flamengo (MOURA, 2012). Isso demonstra que, nesse ano, Cambuquira ainda recebia as delegações de times de reconhecimento nacional.

Em 1964, porém, os jogos são inviabilizados pelas restrições impostas pelo golpe civil-militar. Encontramos uma interessante nota do jornal O Globo, publicada exatamente no período do torneio, a segunda quinzena de abril, na qual o prefeito de Cambuquira informava que os Jogos Abertos estavam adiados “sine-die” (ADIADOS, 1964). E, de fato, não encontramos registros da continuidade de edições

dos *Jogos Abertos de Cambuquira* após 1963. A única exceção foi em 1978, quando houve uma tentativa de se reimplantar os jogos, o que será melhor explicado na entrevista seguinte.

4.2.2. Interpretação da entrevista

O papel de eventos esportivos possui um lugar no controle social sobre o tempo livre, que é o tempo não preenchido pelas atividades de trabalho. A entrevistada cita que jogos eram uma ótima opção de lazer para as férias, atraindo pessoas de todas as idades, que lá compareciam na condição de espectadores. Além disso, era um incentivo para que o cambuquirense frequentasse a *Praça de Esportes* durante todo o ano, com suas várias opções de atividades físicas. Adorno (2002) aponta a utilização do esporte como uma forma de incluir uma certa disciplina semelhante à que se utiliza durante o trabalho, no tempo livre das pessoas. Isso serve a uma lógica que valoriza a ideia de trabalho em tempo integral.

A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer *fit* é falsa só pelo fato de colocar *a fitness* como fim em si; *fitness* para o trabalho é contudo uma das finalidades secretas do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas — e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade — que, sob a pressão social, nós temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável. (ADORNO, 2002, p. 68).

Os Jogos Abertos eram iniciados por cerimônias formais, incluindo passeatas e desfiles disciplinados, para em seguida apresentar e incentivar a prática esportiva. Era sob a sombra da disciplina que as meninas adolescentes podiam “ver” os jogadores de tênis e vôlei, enquanto os meninos podiam “ficar encantados” com as concorrentes do concurso de miss.

Depois da suspensão dos jogos, veio a opressão da ditadura, que provocou outras mudanças no cotidiano cambuquirense. A vigilância dos militares e a busca por possíveis subversivos levou várias pessoas inocentes à prisão e à tortura. O jornal *O Diário de Minas* publicou matéria acerca do inquérito sobre “atividades subversivas em Cambuquira” (IPM, 1964). Nele, o Gen. Nelson Werneck Sodré – que tinha o hábito de passar férias em Cambuquira, lá mantendo uma casa de veraneio – é apontado como o principal responsável pela doutrinação comunista

na cidade. Até mesmo o prefeito, o vice-prefeito e o juiz de paz da cidade foram investigados, sob acusação de serem comunistas, e liberados por falta de provas.

Os três indivíduos lembrados pela entrevistada são citados no inquérito. José Fonseca Filho é apontado como marxista que distribuiu panfletos, mas é considerado “mais um influenciado do que um agitador” (ibid.). José Pedro Costa, o José Botina, descrito como “protegido do general Sodré” (ibid.), foi acusado por testemunhas de atividade subversiva. Eloi Ferreira de Faria era, na ocasião, o vereador mais votado da cidade, e também foi considerado suspeito e investigado no inquérito.

A notícia supracitada não revela que alguns desses indivíduos foram presos e torturados. Tem-se a impressão de que se tratou de um simples inquérito, no qual os acusados foram investigados. Nenhuma menção à violação de direitos humanos. O relato da entrevistada, como testemunha, faz vir à tona o que foi ignorado pela mídia.

E quais são os efeitos desse estado autoritário na vida cotidiana da cidade?

A entrevistada descreveu uma cidade pungente, com uma forte orientação voltada ao esporte e à natureza, onde o que é belo e saudável atraía pessoas de várias partes do país. O golpe de estado instituiu a violência e o medo na cidade. Os jovens passaram a ver o desconhecido como ameaça, ao invés de um visitante a ser bem recebido.

Também chama a atenção a imprevisibilidade do golpe. “Foi de repente”, segundo nossa testemunha. Será que o Botafogo planejava ser novamente campeão em 1964? Algum time cambuquirense treinava para lhe fazer frente?

Uma vez realizado o golpe, começa a perseguição. Todos sentem o efeito da *gravidade* do medo de ser relacionado com algum amigo acusado de subversão. Mesmo ante o sofrimento de saber que esse amigo é vítima de uma injustiça.

A *gravidade* e a *graça* (Weil, 1948) são conceitos que surgem de forma dramática no cotidiano da população oprimida. A ameaça de violência, que exerce uma força, tende a impedir o indivíduo de ser solidário e buscar a recuperação da liberdade. Essa força evoca os “motivos baixos” – o medo – as necessidades de proteção. A nossa testemunha afirmou que não houve resistência aos militares, devido a sua vigilância e ameaça. A solidariedade, motivo elevado que vem com a *graça*, foi sufocada? Talvez não totalmente.

Existiu, segundo o relato, um certo compadecimento com a situação dos perseguidos. Eram comunistas para o governo; para as pessoas da cidade eram amigos e “pessoas boas”. Alfredo Bosi, ao refletir sobre a *graça*, exemplifica-a como “o ímpeto fraterno que age no sentido oposto à gravidade”. (2002, p. 160). O indivíduo a exerce quando não se deixa limitar pelo peso das necessidades primárias – a *gravidade*. Há a necessidade do outro para que a *graça* exista. Dela surge a “busca de uma nova forma de vida na qual o sentido resulte da pura solidariedade.” (ibid.).

É possível crer que houve, sim, resistência por parte de algumas pessoas, através da solidariedade aos que foram vítimas de perseguição.

Há, por fim, um fato que merece destaque. As autoridades da cidade não se uniram aos ditadores. O prefeito, o vice, o vereador mais votado e o juiz de paz responderam ao inquérito por subversão. Pode-se, com isso, supor que eles não eram aliados dos militares. Conseguiram a absolvição e mantiveram seus cargos¹³. Tentaram trazer de volta os *Jogos Abertos de Cambuquira*. Não conseguiram, mas continuaram fomentando o esporte local. A testemunha confirmou que os políticos cambuquirenses da época realmente não colaboraram com os golpistas. Apesar ter sua liberdade reduzida e ser obrigada a fazer concessões, a cidade resistiu – ao menos no que se refere ao esporte.

Ao fim desta segunda entrevista, algumas questões ficaram em aberto, por exemplo: como e por quem os Jogos Abertos foram criados? De que forma eram realizadas sua organização e seu financiamento? Como ocorreu essa continuidade do fomento ao esporte local depois do golpe?

Em busca de outras testemunhas e mais narrativas sobre a memória dos *Jogos Abertos de Cambuquira*, realizamos uma entrevista com um esportista amador que acompanhou a organização desse evento.

¹³ O prefeito em questão se chamava Jorge Sá de Noronha, que permaneceu no cargo de 1963 a 1967. Foi sucedido por André Bacha, eleito para a gestão 1967-1971. A partir de 1971 a cidade passou a ser administrada por prefeitos nomeados pelo governo militar (VILHENA, 2012, p. 15).

4.3. Entrevista sobre a cidade nas décadas de 1960 / 1970.

O entrevistado nasceu em 1938. É funcionário público aposentado, foi atleta amador na categoria de tênis. Devido à sua proximidade com o esporte observou a organização dos jogos até sua última edição em 1963. Foi diretor do *Cambuquira Tênis Clube*, popularmente chamado de *Praça de Esportes*, local onde aconteciam os *Jogos Abertos*. Assumiu o cargo em 1965 e nele permaneceu durante 18 anos.

Pesquisador: Gostaria que o senhor falasse a respeito de suas lembranças sobre os *Jogos Abertos de Cambuquira*.

Entrevistado: Os jogos eram divulgados pela imprensa principalmente pela *Gazeta Esportiva*, pelo *O Globo* e pelo *Estado de Minas*. Principalmente a *Gazeta Esportiva*, que tinha um jornalista que também era dirigente dos jogos, chamado Moupir Monteiro, um grande jornalista. No Rio de Janeiro, quem divulgava era o jornalista Mário Augusto de Melo, um dos diretores de *O Globo*.

E a [empresa] *Águas Minerais de Cambuquira* era, de fato, a grande incentivadora dos jogos. A água de Cambuquira era vendida no Brasil inteiro naquela época, era dirigida sob um contrato com a Prefeitura Municipal de Cambuquira, pelo Sr. Antônio Leandro de Albuquerque. E na televisão – ao final, quando a televisão já divulgava – os *Jogos Abertos* apareciam com a marca das *Águas Minerais de Cambuquira*, como as melhores águas do Brasil.

Nós recebíamos clubes de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e, no final, alguns clubes do Paraná. Clubes de expressão máxima do esporte brasileiro no vôlei e basquete, que eram os principais eventos que tínhamos. Quando o Brasil foi campeão pan-americano, a seleção brasileira de vôlei ficou hospedada em Cambuquira, com todos os seus astros. Eles venceram o megacampeão que eram os Estados Unidos na final.

Naquele tempo era chamado de *esporte marrom*, porque os jogadores eram quase amadores. Recebiam *por fora* – via patrocínio –, mas sem serem profissionais. Jogavam por amor ao clube. Nesse mês de abril, vinha para

Cambuquira, também, independente dos jogos, o time de futebol do *Vasco da Gama*, que passava férias aqui.

Pesquisador: Como começaram os *Jogos Abertos*? Quem teve a ideia?

Entrevistado: A ideia veio do Dr. João Silva Filho e de Djalma de Vincenzi, que era um escultor fabuloso. Eu tenho aqui dois troféus criados por ele.

Pesquisador: Eram jogadores da primeira divisão dos clubes? Quais eram as idades desses atletas?

Entrevistado: Sempre da primeira divisão dos times. O que vinha aqui era a nata do vôlei e do basquete do Brasil. Apenas times de alta categoria. As idades eram mescladas. Tinha jogadores veteranos e iniciantes, mas todos eram de times definitivamente formados. Eram jogadores de *seleção brasileira*.

Pesquisador: Quem organizava os jogos?

Entrevistado: A prefeitura entrava em contato com os hotéis da cidade. Eles cediam a hospedagem para os atletas e as equipes vinham agradecidamente. Não recebiam nada. Passavam duas semanas em Cambuquira sem quase nenhum ônus para o município. O ônus era apenas a hospedagem, a alimentação e a direção dos jogos, que tinha a participação efetiva do Dr. João Silva Filho, um entusiasta do esporte, que durante muitos anos foi presidente da *Praça de Esportes*, participando sempre da direção dos jogos. O esporte naquela época era muito forte em Cambuquira. Tínhamos um futebol muito bom, uma natação ótima. Cambuquira tinha o melhor time de vôlei, o melhor time de basquete e a melhor equipe de natação da região. O futebol de salão não existia naquela época. Os meios de divulgação do esporte eram mesmo o vôlei e o basquete.

Pesquisador: Quais eram as categorias esportivas dos *Jogos Abertos*?

Entrevistado: Vôlei, basquete, natação, *tiro ao pombo* e tênis¹⁴.

Pesquisador: E tinha hipismo também?

Entrevistado: Sim, o hipismo era trazido e organizado pelos militares da *Escola de Sargentos das Armas* e era feito, normalmente, no campo de futebol, por ser um espaço amplo. Era muito bem organizado.

Pesquisador: O senhor tem algo a comentar sobre o tênis, esporte que o senhor praticava?

Entrevistado: Recebemos nos *Jogos* os melhores tenistas do Brasil. Era algo realmente de primeira categoria. Inclusive, Maria Ester Bueno, quando era mocinha e já tinha ganhado em *Wimbledon*, frequentava Cambuquira e jogava aqui com a gente. Batia uma bolinha com a gente.

Pesquisador: Os hotéis ofereciam hospedagem gratuita?

Entrevistado: Sim, de comum acordo com a prefeitura. No mês de abril havia menor fluxo de veraneio. É por isso que se instituíram os jogos no mês de abril. Os hotéis hospedavam apenas os atletas de graça e lucravam com os turistas atraídos pelos *Jogos Abertos*. Muitas delegações traziam familiares de jogadores, amigos, torcedores. Dessas pessoas a hospedagem era cobrada.

Pesquisador: Quais eram as instituições envolvidas na organização dos jogos?

¹⁴ Rangel (1950) complementa que, a partir de 1943, foi incorporado o tênis de mesa.

Entrevistado: A organização era da Prefeitura e da empresa *Águas Minerais de Cambuquira*, que era quem mais investia em divulgação. Tinha, também, o apoio dos jornalistas das capitais, que também divulgavam. Principalmente o jornalista paulistano Moupir Monteiro.

Pesquisador: O movimento era intenso?

Entrevistado: Era uma coisa espetacular. Todos os hotéis mantinham permanentemente os seus apartamentos reservados para os *Jogos Abertos* no mês de abril. As delegações dos times, como do Flamengo, tinham por volta de sessenta pessoas cada.

E, além disso, vinham pessoas de toda a nossa região e, durante esses dias, de manhã, à tarde e à noite, a cidade lotava de torcedores que vinham aproveitar Cambuquira e ver os jogos.

Os jogos começavam de manhã, às oito horas, e iam até a noite. Houve partidas de vôlei que foram até depois das onze horas da noite.

Pesquisador: E até quando foram realizados os *Jogos Abertos*?

Entrevistado: Os jogos perduraram até 1963, porque, em 64, com a revolução¹⁵ de 31 de março, não podia ter mais reuniões, conclaves, convenções, pois o Brasil entrou em estado de sítio. O Estado Maior teve o “cuidado” de que não se reunissem mais pessoas, para evitar um atentado ou coisa semelhante.

Cidades turísticas eram vistas pelos militares como caso de segurança pública, por causa do alto fluxo de turistas. Em cidades com base militar ou com atividades turísticas esses eventos foram todos cancelados. E aqui ao lado, em Três Corações, tem a *Escola de Sargentos das Armas*. Daí acabou toda aquela volúpia de vir a Cambuquira – porque o pessoal era apaixonado por isto aqui, pelas matas, águas e o conagraçamento com o povo. Nós ficávamos aguardando o mês de abril

¹⁵ O entrevistado se refere ao golpe civil-militar de 1964 como “revolução”. Este termo foi utilizado pela máquina de propaganda dos golpistas para dar aparência de transformação social a uma quartelada sul-americana com patrocínio do empresariado e dos EUA.

para aproveitar os jogos e de fato, após essa interrupção, acabaram-se os *Jogos Abertos*.

Pesquisador: O senhor participou da direção dos *Jogos Abertos*?

Entrevistado: Não. Eu assumi a direção da *Praça de Esportes* em 1965, após a revolução, e os jogos já não existiam mais. Lembro-me que tentaram fazer jogos abertos em Poços de Caldas, mas também não conseguiram muita repercussão. Cambuquira era mesmo a “*Meca*” do esporte no interior de Minas. Inclusive, muitos casamentos de atletas aconteceram com pessoas que eles conheceram durante os jogos de Cambuquira.

Pesquisador: Por que Poços de Caldas conseguiu fazer jogos abertos mesmo durante a ditadura?

Entrevistado: Foi alguns anos depois. Eu não tive conhecimento do tipo de organização que foi feita. Sei que houve tentativa.

Pesquisador: E durante a sua gestão, foram feitas tentativas de se reimplantar os jogos na década de 1970?

Entrevistado: Sim, tentamos reativar os *Jogos Abertos*. Vieram alguns clubes, mas não a quantidade da época. Já não tínhamos aquele patrocínio de antigamente, nem a mesma divulgação nas capitais. Na edição de 1978, lembro que até Mopir Monteiro participou, já idoso. A abertura foi feita pelo hipismo. Os *Jogos Abertos* originais, anteriores a 1964, foram eventos oficiais que faziam parte do calendário esportivo do Brasil. Durante esse tempo em que não houve os jogos, parece que o próprio cenário da organização esportiva mudou. Não existia mais a empresa *Águas Minerais de Cambuquira* e também não tínhamos mais o que, em minha opinião, era o principal pilar dos *Jogos Abertos*: a divulgação na *Gazeta Esportiva* de São Paulo e no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro.

Pesquisador: Como foi a participação de cambuquirenses nos *Jogos Abertos*?

Entrevistado: Cambuquira teve excelentes equipes no vôlei, basquete e natação. No basquete o time cambuquirense foi campeão sulmineiro. Na natação tivemos campeão brasileiro e campeão sul-americano.

Pesquisador: Após a proibição dos *Jogos Abertos*, como ficou o esporte na Cidade?

Entrevistado: A partir de 1965, começamos a fazer as *Olimpíadas de Inverno de Cambuquira*, também chamadas de *Jogos de Inverno*. Quem contribuiu muito na organização foi um colega chamado Rafael Lerro Neto – gostaria que você constasse o nome dele em seu texto.

A diferença é que era um campeonato apenas com times locais. Acontecia no mês de julho e também atraiu boa quantidade de turistas, os hotéis ficavam com muitos quartos reservados. Atletas amadores de fora da cidade participavam do evento. Fazíamos times de nativos contra times de turistas. Era um momento de muito conagraçamento. E aconteceu nesses jogos algo histórico: competições de futsal feminino. Estamos entre os precursores dessa modalidade no Brasil. Havia, na época, muitos campeonatos de futsal masculino, mas não feminino. E nós o fizemos.

Os militares não interviam porque não havia tanto potencial de aglomeração por ser um campeonato local.

Pesquisador: O senhor se lembra de algo sobre os efeitos da proibição de cassinos na cidade?

Entrevistado: Os cassinos foram fechados antes, na época do presidente Dutra, e o impacto na nossa economia foi muito forte. O movimento de turistas que frequentavam o cassino era o ano todo. Com a proibição, o turismo se tornou sazonal. Passou-se a ter turistas só no verão e em eventos como os *Jogos Abertos*.

O movimento passou a se concentrar no *veraneio*, que era uma temporada de 21 dias em que, no balneário, o veranista era examinado por um médico e este receitava qual água e qual a quantidade de mililitros a pessoa deveria ingerir durante essa temporada. Consistia em um tratamento de saúde bastante sério e estruturado.

Pesquisador: A que o senhor atribui o enfraquecimento do turismo?

Entrevistado: Vários fatores. Para mim o principal foi que o serviço de hotelaria da cidade não se modernizou. Em Caxambu e São Lourenço os hotéis passaram a ter várias opções de lazer, como piscinas térmicas dentre outras. Os hotéis de Cambuquira, no passado, eram impecáveis, mas continuam iguais àquela época. O turista acaba preferindo ir para as cidades vizinhas, por que os hotéis de lá tem mais opções.

4.3.1. Os Jogos Abertos de Cambuquira segundo um esportista e organizador

Esta entrevista possibilitou-nos uma visão dos Jogos Abertos de acordo com quem deles participou. O entrevistado, pela sua atividade de esportista amador, conheceu os idealizadores e organizadores dos jogos e soube informar detalhes sobre seu funcionamento.

Primeiramente, notamos que o evento era financiado, principalmente, pelo setor privado. As *Águas Minerais de Cambuquira* eram uma empresa privada que possuía a concessão para a exploração e comercialização das águas minerais da cidade. Além dela, a hospedagem era oferecida pelos hotéis locais, interessados na remuneração proveniente da vinda de turistas e daqueles que acompanhavam as delegações dos times – familiares, amigos, fãs dos jogadores, etc.

Nota-se também, dentro do setor privado, uma contribuição do voluntariado. A divulgação era feita por jornais metropolitanos, graças ao apoio voluntário de jornalistas. E, de acordo com Moraes (1964), os árbitros profissionais

que compareciam à cidade para trabalhar nos jogos o faziam gratuitamente, recebendo apenas alimentação e hospedagem. A contribuição do setor público se limitava à organização do evento e ao custeio da alimentação dos competidores e árbitros.

Segundo a narrativa do entrevistado, os *Jogos Abertos de Cambuquira* foram idealizados e implantados por três pessoas: Djalma de Vincenzi, Moupir Monteiro e João Silva Filho.

Djalma de Vincenzi foi um escultor e tenista carioca, fundador e diretor da *Federação de Tênis do Rio de Janeiro* (BULCÃO, 1931). É reconhecido pela imprensa esportiva das décadas de 1940 e 1950 como idealizador e implementador dos *Jogos Abertos de Cambuquira*. (RODRIGUES FILHO, 1941; MAIS..., 1943; RANGEL, 1950).

Moupir Monteiro foi um jornalista e tenista paulista. Como esportista, foi um dos fundadores do *Santo Amaro Tênis Clube*, em 1931 (MONTEIRO, 1940). Competiu em campeonatos ligados à *Federação Paulista de Tênis* (SOUZA, 1936; MENDES, 1940) e participou da diretoria do *28º Campeonato Estadual de Tênis de São Paulo* (RUBIAO, 1941). Além de divulgar os *Jogos Abertos de Cambuquira*, participou ativamente de sua organização (RANGEL, 1950). Consta que Moupir foi o “diretor geral” dos *XIX Jogos Abertos de Cambuquira* (BAHIA, 1959). Ocupava o posto de “árbitro geral” na organização da edição dos jogos de 1964. (MORAES, 1964).

João Silva Filho foi um médico e tenista cambuquirense. Foi o presidente do *Cambuquira Tênis Clube* desde o início da década de 1940, quanto manteve contato com clubes esportistas cariocas, segundo uma crônica esportiva escrita por Vincenzi (1943). Exerceu a função de diretor geral dos Jogos Abertos (RANGEL, 1950), do qual foi um dos implementadores. Foi também prefeito da cidade durante o período de 1960 a 1963. Seria homenageado nos *XXIV Jogos Abertos de Cambuquira* de 1964. (MORAES, 1964).

Do tênis amador parece ter nascido os Jogos Abertos. O contato do *Cambuquira Tênis Clube* com agremiações do Rio de Janeiro e São Paulo chamou a atenção do carioca Djalma de Vincenzi, que teve a ideia de realizá-los, em parceria com seus colegas de esporte João Silva Filho e Moupir Monteiro.

Seguindo o discurso do entrevistado, chamou a atenção sua citação do nome *Maria Esther Bueno*. Nascida em 1939, foi a primeira tenista sul-americana campeã do *Torneio de Wimbledon*, na categoria *individual*, em 1959. Ocupou o primeiro lugar do *Ranking Mundial* nos anos de 1959, 1960, 1964, e 1966. Foi, também, a primeira sul-americana e única brasileira a entrar para o *International Tennis Hall of Fame*. (ITHF, 2016). Sua passagem pelos Jogos Abertos é mais um exemplo que confirma sua posição de evento de âmbito nacional.

Evento esse realizado ininterruptamente por 23 anos até o advento do golpe de 1964. A primeira coisa a comentar sobre isso é que os *Jogos Abertos de Cambuquira* estavam no auge quando o golpe ocorreu. Moraes (1964) revela que, em fevereiro de 1964, a organização do evento transcorria normalmente. Além de equipes vindas dos estados já citados nesta pesquisa, foram convidados, também, times de Pernambuco e do Rio Grande do Sul. Havendo, inclusive, planos para apresentações de balé aquático, bandas marciais e malabarismos, além de homenagens aos atletas que se destacaram em edições anteriores, como prévias para a comemoração do aniversário de 25 anos dos Jogos Abertos – seu *Jubileu de Prata*, como fora anunciado –, que aconteceria no ano seguinte. A *XXIV Edição dos Jogos Abertos de Cambuquira* seria realizada do dia 18 ao dia 25 de abril de 1964 (ibid.), mas o golpe civil-militar ocorreu no dia primeiro de abril e, imediatamente, os militares declararam o estado de sítio que cancelou o evento.

4.3.2. Interpretação da entrevista

O relato do entrevistado revela um clima de confraternização e solidariedade durante a execução dos Jogos Abertos. Isso remete a uma reflexão sobre o esporte e seus efeitos no convívio social.

O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário a barbárie e ao sadismo, por intermédio do fair-play, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e a disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. (ADORNO, 2000, p. 127).

No esporte, o *fair-play* é algo que previne o sadismo, ao passo que a competitividade, vista principalmente em esportes de alto desempenho, tende a promovê-lo.

Fair-play, cuja tradução literal seria *jogo limpo*, é algo que podemos entender como *espírito esportivo*. Corresponde a um preceito normativo de valorização da ética e da moral no esporte, colocando o comportamento civilizado e o respeito às regras acima do desejo de vencer (CODEA et al, 2006). Baseado na tradição do esporte inglês, Adorno (2011, p. 274) ressalta algumas das características do *jogo limpo* como “a espiritualização da concorrência, seu deslocamento em direção à imaginação, prenuncia uma condição na qual a disputa estaria curada da agressividade e da maldade; enfim, antecipa a condição do trabalho enquanto jogo”.

Em Cambuquira nota-se que a competição esportiva que temos estudado tinha um marcante componente amador (era organizada por voluntários, não tinha premiações em dinheiro e os atletas recebiam apenas ajuda de custo). Isso a deixou fora da situação de alta competitividade e abriu espaço para o triunfo do *fair-play*. O entrevistado cita mais de uma vez que havia nos jogos um clima de confraternização, de “congraçamento”. Ao priorizar o aspecto lúdico do esporte, surgiu aquilo que pode ter sido a grande contribuição dos jogos para a sociedade cambuquirense: o uso do esporte a favor da educação e em contraposição ao sadismo.

5. DADOS DEMOGRÁFICOS E GEOGRÁFICOS SOBRE A CIDADE

O Parque das Águas de Cambuquira é o seu principal ponto turístico. Nele encontram-se seis fontes de água mineral, do tipo ferruginosa, carbo-gasosa, magnesiana, sulfurosa e gasosa com lítio. Em volta do parque, existe uma reserva florestal de mata atlântica, sendo esta um ponto turístico aparte. Outro ponto turístico de destaque é o Pico do Piripau, a uma altitude de 1.370 metros, onde são praticadas atividades de voo livre. Anualmente, a cidade recebe uma etapa final do Campeonato de Parapente da Região Sudeste e uma etapa do Campeonato Brasileiro de Asa Delta (CAB, 2017).

Dados atuais, colhidos no IBGE, indicam que o setor de serviços, no qual estão incluídos o turismo e o comércio, ainda é a principal fonte de renda da cidade, mas gerou um valor bruto de r\$ 77.881 durante o ano de 2012, seguido pelos setores de agropecuária – r\$ 42.678 – e da indústria – r\$ 10.498. Somando-se o valor arrecadado por impostos, o PIB cambuquirense foi de r\$ 135.981, resultando em uma renda per capita de r\$ 10.781,88. (IBGE, 2012a).

A título de comparação, vejamos os dados dos municípios que fazem fronteira com Cambuquira:

PIB e população de Cambuquira e cidades fronteiriças, 2012.

Cidade	População	PIB (r\$)	Renda per capita (r\$)
Três Corações	77340	1.913.439	24.740,61
Lambari	20671	213.329	10.320,20
Campanha	16325	210.708	12.907,07
Conceição do Rio Verde	12950	154.291	11.914,36
Cambuquira	12658	135.981	10.781,88
Jesuânia	4768	48.350	10.140,52

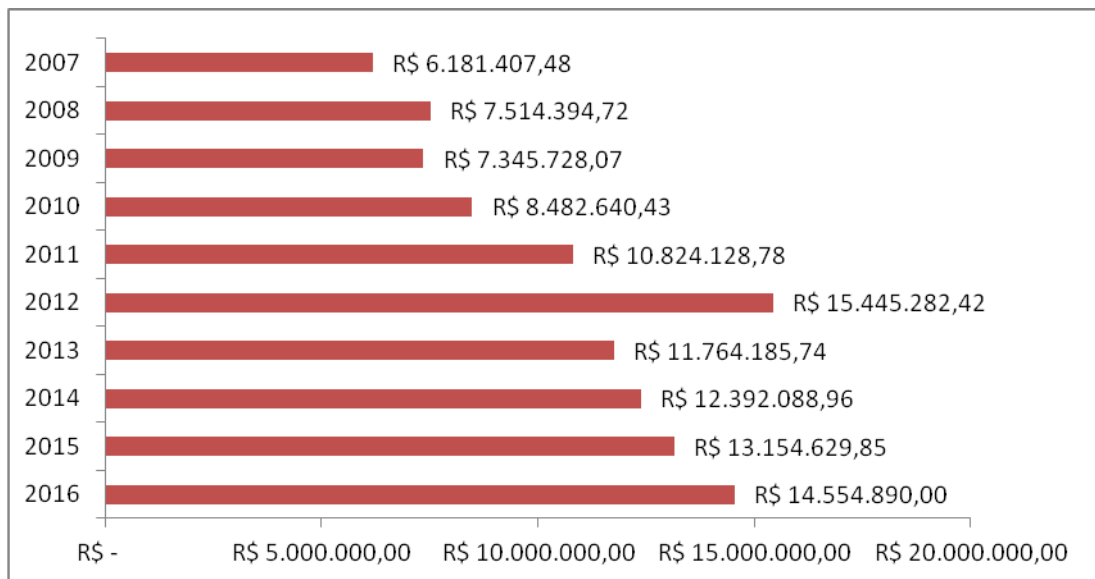
Fonte: IBGE, 2012b.

No que se refere ao recebimento de verbas públicas, foi repassado ao município o valor de r\$ 12.392.088,96 no ano de 2014, somando o fundo de

participação dos municípios e os repasses destinados a saúde, educação e assistência social (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2017).

O recebimento dessas verbas não foi contínua nos últimos nove anos, como evidencia o gráfico abaixo:

FIGURA 1 – Transferências da união para o município de Cambuquira, MG, 2007-2016.



Fonte: Portal da Transparência (2017).

Em nosso convívio cotidiano com os demais habitantes da cidade, foi possível notar que os relatos da população descrevem a cidade como um lugar sem recursos, onde não há oportunidades de crescimento profissional. Um lugar onde “nada vai pra frente”, resultando em uma grande evasão dos jovens para outras localidades, em busca de uma vida com mais opções. Esse fato foi confirmado pelo IBGE (2010): o número de pessoas com idade entre 20 e 44 anos é menor do que as médias do estado de Minas Gerais e do Brasil.

As demais queixas apresentam os seguintes temas: desemprego; falta de opções de lazer, principalmente para crianças e adolescentes; a saúde, principalmente em idosos cujos parentes jovens se mudaram da cidade em busca de oportunidades; deficiências na distribuição e tratamento da água de abastecimento.

6. REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE MEMÓRIA E AUTORITARISMO

Certos traços do autoritarismo em uma cultura são uma racionalidade rígida – que funciona de maneira simplificada, aderindo ao pensamento da maioria – e a falta de espaço para a diversidade, reduzindo homens e mulheres a apenas um aspecto de sua atuação na cidade.

O mito do padre Rocha Branca parece ser uma história sobre o surgimento do autoritarismo na forma de pensar cambuquirense. Na época, a cidade começava a entrar em contato com elementos modernos da cultura de massa das metrópoles. Sua dificuldade em assimilá-los pode ter impelido a uma adesão a valores conservadores. Sinaliza-se a formação de uma cultura que tem dificuldades de aceitar uma eventual diferença no agir, o que dificulta a execução de novos projetos. Após ser julgado por apenas um aspecto de sua vida, a paternidade, o pároco vai embora deixando uma mensagem clara: *negando-se ao diferente a cidade não muda*.

A relação entre os cambuquirenses e os visitantes cariocas e paulistas formou-se com uma inclinação ambivalente: rejeitaram-se as diferenças trazidas pela cultura moderna e, ao mesmo tempo, houve um apego ao *status* que o veranista aparentava ter. A classe social normatizava a ocupação de territórios e as vestimentas com estética moderna eram utilizadas como diferenciação entre nativos e turistas, mesmo tendo algumas dessas roupas sido produzidas pelas costureiras de Cambuquira.

Os episódios de autoritarismo relatados nas entrevistas consistiram em medidas autocráticas de governantes (eleitos democraticamente ou não) realizadas sem consulta à sociedade e sem considerar a existência de possíveis afetados.

Seguindo o que foi ouvido nos relatos, a economia da cidade prosperava durante o período que antecede o ano de 1946, quando uma importante fonte de renda – os jogos de azar – foi proibida. Não é nosso intuito questionar o mérito dessa proibição. Nossa ênfase é na forma como isso foi feito. Via decreto, sem um plano de auxílio às localidades que haviam estabelecido esse negócio como um dos pilares de sua economia.

Os entrevistados são unânimes e contundentes na afirmação de que havia um grande movimento de turistas frequentando a estância, que se tornara um

lugar divertido e com um clima de abundância. *Beleza* e *volúpia* foram algumas das palavras por eles utilizadas.

Algo que não aparece diretamente nos relatos foi que, de 1937 a 1945, o Brasil passou pelo *Estado Novo*, um governo ditatorial, comandado por Getúlio Vargas, que não afetou negativamente as atividades econômicas de Cambuquira.

Ironicamente, foi um governo democrático, com um presidente eleito pelo voto, que decretou o fim dos cassinos sem se ocupar das pessoas que deles dependiam direta ou indiretamente. Isso evidencia que o autoritarismo é capaz de permear as engrenagens da democracia e praticar sua barbárie sem que seja imprescindível um golpe de estado.

Durante o ano, a chegada de turistas era constante com a exploração dos jogos de azar. Após sua retirada, o turismo em Cambuquira passou a ser sazonal, acontecendo nos meses de dezembro e janeiro, chamados de *estação de veraneio* – que tinha como atrativo os tratamentos hidroterapêuticos oferecidos pelo seu balneário – e no mês de abril.

Os *Jogos Abertos de Cambuquira* alcançaram uma projeção de nível nacional e possivelmente superaram o sucesso turístico dos cassinos. Nota-se que o crescimento desse evento foi constante. A cada edição expandia-se o número de atletas e espectadores do esporte. E estava no auge¹⁶ quando foi proibido pelo golpe civil-militar de 1964.

Foi esse o segundo momento em que a economia cambuquirense foi diretamente afetada – tendo sido proibida uma importante fonte de recursos – por uma iniciativa autoritária vinda do governo. Os Jogos Abertos foram cancelados de um dia para o outro, porque parte das deliberações feitas pelos golpistas foi a implantação de um estado de sítio que proibia aglomerações em cidades turísticas.

De acordo com um dos entrevistados o clima costumeiro dos Jogos Abertos era de *congraçamento*. Com a chegada da ditadura o mês de abril daquele ano foi preenchido pelo *medo* da repressão. Passou-se a viver em alerta, em um clima no qual qualquer aglomeração – inclusive de adolescentes conversando na rua, segundo uma entrevistada – poderia ser considerada suspeita. Poucos meses depois, em julho, começaram as prisões e torturas.

¹⁶ Esses dados – de crescimento constante do evento até o advento do golpe de estado – estão presentes na imprensa esportiva da época (BAHIA, 1959; MAIS..., 1943; MORAES, 1964; RANGEL, 1950; RODRIGUES, 1949; RODRIGUES FILHO, 1941).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram encontradas as três formas de desrespeito à dignidade humana descritas por Honneth (2009, p. 211). O desrespeito ao reconhecimento solidário manifestou-se por meio do preconceito motivado por classe social; o desrespeito ao reconhecimento primário aconteceu nas prisões arbitrárias e torturas realizadas pela ditadura; e o desrespeito ao reconhecimento jurídico se fez presente no desemprego.

O preconceito motivado pela classe social pôde ser exemplificado na forma de funcionamento da *Rua Direita*. A divisão de classes – na qual os turistas e cambuquirenses habitantes do centro da cidade circulavam em uma calçada da rua enquanto moradores dos bairros periféricos frequentavam outra calçada – provavelmente deixou suas marcas na própria *identidade*. Isso se torna evidente porque não se manifestavam conflitos. Uma entrevistada testemunhou que aqueles que eram destinados a ficar na “calçada da periferia” não exigiam o direito de frequentar o outro lado da rua.

Acreditamos que essa forma de desrespeito permeou as relações entre nativos e turistas em outros territórios, já que a postura do turista, com suas roupas da moda e trejeitos metropolitanos, causava timidez e retraimento em cambuquirenses. Os questionamentos sobre o enraizamento – que também tocam o tema da *identidade* – provavelmente derivaram dessa relação.

O desrespeito ao reconhecimento primário, cuja *violência* costuma ser sua principal forma de manifestação, esteve na ordem do dia em 1964. As pessoas passaram a se sentir *sob ameaça*, porque se sabia que existiam agentes federais observando comportamentos suspeitos. Cambuquirenses simpatizantes de movimentos de esquerda foram presos e torturados – sendo a tortura omitida da imprensa.

O *emprego* é um *direito* previsto na constituição. Isso permite considerar o desemprego e o subemprego como um desrespeito ao reconhecimento jurídico. Essa é uma queixa constante da população. A economia local passou por vários períodos de crise. Algumas delas causadas pelo autoritarismo estatal e outras por mudanças de interesses financeiros do mercado. Nota-se uma dificuldade nas lideranças locais de implementar novos projetos de geração de renda.

Mas, nas histórias relatadas nesta pesquisa, houve resistência.

A criação dos *Jogos Abertos de Cambuquira* pode ser considerada resistência. O esporte foi utilizado como incentivo à formação – por meio da disciplina e solidariedade que compõem o *espírito esportivo* – e ao exercício da cidadania.

Durante o período da ditadura houve resistência por meio do envolvimento de funcionários públicos e políticos locais com a militância de esquerda. A polícia interrogou inclusive o prefeito, o vice-prefeito, o juiz e um vereador, rotulando-os de “simpatizantes do comunismo”. Isso evidencia que as lideranças políticas da cidade não estavam alinhadas com os golpistas.

Por fim, apareceu uma bonita manifestação de resistência formada por ações coletivas com o objetivo de manter novas formas de atividades turísticas, para substituir as anteriormente proibidas. Com a ausência dos jogos de azar, investiu-se nos *Jogos Abertos de Cambuquira*.

Houve uma evolução em termos de democracia. Os jogos de azar, em seu funcionamento, eram *fechados* à população. Apenas indivíduos com um determinado poder aquisitivo, em sua maioria turistas, podiam ingressar nos cassinos. Os *Jogos Abertos de Cambuquira* eram – como explicita o nome – abertos para quem desejasse assisti-los. Obteve-se êxito no objetivo de criar um grande evento poliesportivo, público e turístico. A barreira da classe social não deixou de existir nesse evento, mas talvez seu caráter esportivo e amador tenha permitido um menor distanciamento entre o turista e o cambuquirense, como mostram as imagens de Ademir andando informalmente pelo centro da cidade e a experiência de Maria Esther Bueno que, nas palavras de um entrevistado, “batia uma bolinha com a gente”.

Com a proibição dos Jogos Abertos, criaram-se as *Olimpíadas de Inverno*, evento de abrangência local que não deixou o esporte desaparecer da cidade e também agregou movimento turístico.

Tais eventos esportivos eram realizados com a participação de vários setores da sociedade, inclusive por voluntários cambuquirenses e de outras cidades. Essas pessoas que não se renderam à opressão do Estado e do mercado merecem reconhecimento por praticarem ações que se aproximam do conceito de comunidade.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹⁷

Obras de referência:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Educação e emancipação**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. Tempo livre. In: **Indústria cultural e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 62-70.

_____. **Introdução à sociologia da música**: doze preleções teóricas. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 65-108. (Os pensadores).

ARRUDA, M. A. N. **Mitologia da mineiridade**: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOLZ, N. W.; FONTAINE, M. Onde encontrar a diferença entre uma obra de arte e uma mercadoria? **Revista USP**, n 15. São Paulo: SCS-USP, 1992. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/25670/27407>>. Acesso em 10 set. 2015.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **O tempo vivo na memória**: ensaios de psicologia social. 3 ed. São Paulo: Ateliê, 2013.

BRANDÃO, M. D. S.; BRANDÃO, T. D. S. **Cambuquira**: estância hidromineral e climática. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.215, de 30 de abril de 1946. Proíbe a prática ou exploração de jogos de azar em todo o território nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 abr. 1946. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9215.htm>. Acesso em 10 set. 2015.

¹⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

CAB - Comissão de Aerodesporto Brasileira. **Cambuquira – MG**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.cab.org.br/venue/cambuquira-mg>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

CIAMPA, A. C. **A estória de severino e a história de severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

_____. Identidade. In: LANE, S.; GODO, W. (Org). **Psicologia social: o homem em movimento**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 58-75.

CODEA et al. Filosofia do esporte, ética e Educação Física, fair play. In: DaCosta, L. P. (org.) **Atlas do esporte no Brasil**. Rio De Janeiro: CONFEF, 2006. p. 757-758. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>> Acesso em: 21 out. 2016.

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/nelson_werneck_sodre>. Acesso em: 21 out. 2016.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In: **Obras psicológicas completas: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 14 v. p. 317-319. Original publicado em 1916.

GOETHE, J. W. **Fausto**. Trad. Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultural, 2003. Original publicado em 1808.

GUARESCHI, P. Relações Comunitárias - Relações de Dominação. In: Campos, R.H.F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 81-99.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: [s.n], 2004. Disponível em <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf>. Acesso em 5 de set. 2014.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. 2 ed. São Paulo: 34, 2009.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Estudos da comunidade. In: **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 151-171.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 1 CD-ROM.

IBGE. **Infográficos: evolução populacional e pirâmide etária**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/331R>>. Acesso em 12 set. 2015.

_____. **Produto interno bruto dos municípios.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012a. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/3XV7E>>. Acesso em 12 set. 2015.

_____. **PIB a preços correntes:** comparação entre os municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 2012b. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/3PF8W>>. Acesso em 12 set. 2015.

IMDB - Internet Movie Database. **Milton Rodrigues.** Seattle: IMDb, 2016. Disponível em <http://www.imdb.com/name/nm0735163/?ref_=fn_al_nm_2>. Acesso em 13 mai 2016.

OLIVEROS, R. A moda como manifesto da arte. **Revista Cult.** 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-moda-como-manifesto-da-arte/>>. Acesso em 5 de nov. 2015.

PENHA, L. F.; CARVALHO, F. F. Representações Melancólicas: Cambuquira a Regina Coeli. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 13., 2005, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: ABRAPSO, 2005.

PENHA, L. F.; HELENA, M. C. C. C. A relação entre sofrimento psíquico e o trabalho em servidores públicos municipais: uma pesquisa em psicodinâmica do trabalho. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICODINÂMICA E PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO. 6., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP; FGV; CNAM, 2010. 1 CD-ROM.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. **Cambuquira:** transferência por área. Brasília: Controladoria-Geral da União, 2017. Disponível em <<http://mg.transparencia.gov.br/tem/Cambuquira/receitas/por-area/areas?exercicio=2016>>. Acesso em 16 jan. 2017.

SANTOS, B. S. Da ideia de universidade à universidade de ideias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 27/28, p. 11-62, jun. 1989.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna.** 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

VILHENA, S. L. F. **Casos, causos e acasos de Cambuquira.** Três Corações: RCB, 2012.

WEIL, S. A gravidade e a graça. In: _____. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Org. Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 443-5. Original publicado em de 1948.

_____. O enraizamento. In: _____. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Org. Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 411-2. Original publicado em de 1943.

Fontes jornalísticas:

ADIADOS os jogos de Cambuquira. **O globo**. Rio de Janeiro, 20 abr. 1964. Esportes. p. 6.

BAHIA, L. A. Iniciam-se esta manhã os XIX jogos abertos de Cambuquira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/104795>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BULCÃO, A. S. O caso da federação de tennis. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 12 set. 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/112518_01/650>. Acesso em: 11 dez. 2016.

IPM acusa general Nelson Sodré de agitar Cambuquira. **Diário de Minas**. Belo Horizonte, 21 jul. 1964. Disponível em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1355147/mss1355147.pdf> Acesso em 13 mai 2016.

ITHF. **Maria Esther Bueno**. Newport: ITHF, 2016. Disponível em: <<https://www.tennisfame.com/hall-of-famers/inductees/maria-bueno>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MAIS um centro esportivo para o Brasil. **O Globo Esportivo**, Rio de Janeiro, 14 mai 1943. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/104710/4587>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MENDES, A. As actividades do tennis paulista através da federação. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 mai. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/1006>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MONTEIRO, M. 1931-1940. **Correio Paulistano**, São Paulo, 11 ago. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/2723>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MORAES, E. Jogos de Cambuquira terão o melhor do volei este ano. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 05 fev. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/112518_03/17381>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MOURA, R. **Botafogo, tricampeão dos jogos abertos de Cambuquira**. 2012. Disponível em <<http://mundobotafogo.blogspot.com.br/2012/03/botafogo-campeao-de-voleibol-em-1958.html>>. Acesso em 13 mai 2016.

RANGEL, S. O tênis de mesa em Cambuquira. **Esporte Ilustrado**, Rio de Janeiro, 04 mai. 1950. p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/182664/per182664_1950_00630.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2016.

RIBIAO, J. O 28 campeonato estadual de tenis inicia sua marcha. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 nov. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/8882>. Acesso em: 11 dez. 2016.

RODRIGUES, M. **O esporte em marcha**. Rio de Janeiro: Aliança Cinematográfica Brasileira, 1949. (filme).

RODRIGUES FILHO, M. O Cambuquira Tennis Clube homenageia a Djalma de Vincenzi. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 01 nov. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/112518_01/17553>. Acesso em: 11 dez. 2016.

SOUZA, J. C. P. Inicia-se amanhã o campeonato de veteranos. **Correio Paulistano**, São Paulo, 05 set. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/14074>. Acesso em: 11 dez. 2016.

VINCENZI, D. Uma tarde de tenis no jacarepaguá tenis clube. **Esporte Ilustrado**, Rio de Janeiro, 07 out. 1943. p. 15-16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/182664/per182664_1942_00287.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2016.

ANEXO A

Artigo de jornal sobre os preparativos para os *XXIV Jogos Abertos de Cambuquira*

Jogos de Cambuquira terão o melhor do vôlei este ano.¹⁸

Eduardo Moraes

Atualmente, o vôlei [sic] brasileiro tem a sua festa máxima no mês de abril, quando são realizados os Jogos Abertos de Cambuquira, patrocinados pela prefeitura local, reunindo o que há de melhor no esporte da rede do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

O Prefeito de Cambuquira, Sr. Jorge Noronha, pretende, juntamente com os seus auxiliares diretos, Moupir Monteiro, árbitro geral, e Wilcker Carneiro, assistente geral, fazer dos Jogos Abertos de Cambuquira deste ano uma das maiores festas do esporte brasileiro.

Como Nasceu

Em 1941, Moupir Monteiro, João Silva Filho e Djalma di Vicenzi resolveram organizar os Jogos Abertos de Cambuquira, não só com o intuito de animar a estação de águas como também para que houvesse um conagraçamento de esportistas, reunindo equipes de todo o país.

No primeiro ano, talvez pela falta de experiência ou em face da verba que a Prefeitura dispunha, os Jogos ficaram limitados aos clubes das cidades vizinhas e apenas o Tijuca participou como grande atração. Já em 1942, nos segundos Jogos Abertos de Cambuquira, tomaram parte os grandes clubes de Minas, São Paulo, e Rio, tornando-se daí em diante uma verdadeira atração a festa do vôlei.

Campeões

Ano passado os grandes campeões foram o Minas Tênis Clube, no feminino, e o Botafogo, no masculino, ficando a AABB como vencedora do Torneio Início e do desfile. O clube que tem maior número de títulos, na parte feminina, é o Minas Tênis Clube. Na parte masculina, o Botafogo venceu inúmeras vezes.

A equipe feminina do Minas Tênis Clube, que se sagrou tetracampeã, vencendo nos anos de 54, 55, 56 e 57, resolveu fazer uma renovação, promovendo as juvenis, tendo perdido nos anos seguintes para voltar a ganhar em 62 e 63, depois que o seu time se firmou como um dos melhores do País.

Nôvo Rumo

¹⁸ MORAES, E. Jogos de Cambuquira terão o melhor do vôlei este ano. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 05 fev. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/112518_03/17381>. Acesso em: 11 dez. 2016.

Este ano, os organizadores dos Jogos Abertos de Cambuquira têm grandes planos para que o tradicional certame alcance o maior brilhantismo. O representante dos Jogos no Rio de Janeiro, Sr. Wilcker Carneiro, ex-diretor de vôlei do Botafogo, disse ao JORNAL DOS SPORTS que pretende introduzir grandes atrações no torneio, como a cama elástica da Aeronáutica, Banda dos Fuzileiros Navais e o Balé Aquático do Fluminense.

Além disso, o Sr. Wilcker Carneiro deseja fazer voltar a gincana, que sempre despertava grande interesse.

Critério

Afirmou o Sr. Wilcker Carneiro que o critério para os convites depende muito da verba da Prefeitura de Cambuquira, embora tenha sido instituída uma taxa de turismo para cobrir as despesas. Disse que a ida a Cambuquira é um prêmio e, portanto, o convite deverá ser feito sempre às equipes que mais se destacaram durante o ano.

- Fui Diretor de Vôlei do Botafogo durante muitos anos e, embora o meu clube estivesse sempre nas primeiras colocações, no campeonato da cidade, houve um ano em que o time caiu muito e eu resolvi não levá-lo a Cambuquira, achando que não merecia participar dos Jogos. Acho, também, que os clubes que não forem convidados não devem ficar sentidos uma vez que o critério na escolha das equipes não depende exclusivamente da parte técnica, mas também, da verba que dispomos. Uma coisa, porém, já foi decidida há muito tempo. Os clubes que mais se destacaram durante o campeonato terão sempre o seu lugar garantido nos Jogos de Cambuquira.

Quem será Convidado

Os clubes que já têm assegurado o convite para participarem dos Jogos de Cambuquira, na parte do vôlei são as equipes femininas do Flamengo, Fluminense, Botafogo e AABB, do Rio, e no masculino, por enquanto, apenas a AABB será convidada. De São Paulo serão convidados as equipes femininas do Paulistano, seleção santista e o Pinheiros e, na parte masculina, o Palmeiras e a seleção santista. De Minas Gerais, irão na parte feminina o Mackenzie e o Atlético e o Minas Tênis Clube com as duas equipes, a feminina e a masculina. Ainda será feito convite ao Grêmio Náutico União de Porto Alegre, com as suas duas equipes. Finalmente, de Pernambuco será convidado o Náutico. Caso aconteça algum imprevisto e alguma dessas equipes não possa comparecer, serão convidados outros clubes.

- Espero que o Prefeito de Cambuquira, Sr. Jorge Noronha, a qualquer momento no Rio. Aqui, juntamente com o Sr. Moupir Monteiro, deveremos resolver sobre alguns detalhes, inclusive a parte dos convidados que poderá ser ainda modificada. Examinaremos a possibilidade de convidarmos mais alguns clubes não só no vôlei, como também, no basquete. As equipes de basquetebol do Rio, que receberão convites serão as do Vasco e Flamengo e de São Paulo as equipes do Sírio e Palmeiras, além do Minas Tênis Clube, de Minas Gerais. Este ano grandes planos também para o tênis e pretendemos fazer um grande torneio, convidando nomes de projeção no esporte branco nacional.

A Temporada

A temporada dos Jogos Abertos de Cambuquira, realizada com a colaboração dos chefes de delegações sem a qual nada poderia ser feito. O único hotel que não colabora nessa grande festa do esporte brasileiro é o Hotel Vitória, fazendo uma exceção aos demais que dão todo o apoio à direção dos Jogos e à prefeitura de Cambuquira. Os clubes convidados, durante a temporada, que este irá de 18 a 25 de abril, não fazem despesas, ficando a hospedagem por conta dos organizadores da pequena olimpíada.

Fato interessante e que merece registro é que os clubes perdedores continuam hospedados nos hotéis até o final da temporada. Quando o torneio é eliminatório, convencionou-se, esportivamente, designar os clubes perdedores com as iniciais CD, que significam “come e dorme”. Outro fato bastante significativo é o espírito amadorista que predomina em Cambuquira, na temporada dos Jogos. Todos os juizes convidados comparecem sem receber nem ajuda de custo, tendo apenas a hospedagem garantida, demonstrando o espírito de conagração de que vão imbuídos os atletas, dirigentes e árbitros, todos colaborando da melhor maneira possível para o maior brilhantismo dos Jogos. Este ano serão disputados os 24º Jogos Abertos de Cambuquira e os organizadores e, principalmente, o Prefeito de Cambuquira, Sr. Jorge Noronha, pretendem empenhar-se para a grandiosidade de espetáculo, como se fôsse uma prévia para o ano que vem, em que será comemorado o Jubileu de Prata dos Jogos.

Assim, além das diversas modalidades esportivas, serão introduzidas algumas atrações e revividas outras, como a gincana que sempre despertava grande interesse.

Nomes

João Silva Filho, um dos criadores dos Jogos e ex-prefeito da cidade mineira, será homenageado pela dedicação e entusiasmo que sempre demonstrou pro ocasião da temporada esportiva, assim como o deputado Rogê Ferreira, presidente do CND, e que este ano será o convidado de honra.

Outras personalidades serão ainda convidadas, além da imprensa falada e escrita.

Grandes Atletas

Todos os grandes atletas do passado e do presente já passaram por Cambuquira. Nomes como Betinho, Helena Valente, no vólibol, Alcides Procópio, Carlos (Lelê), Fernandes, no tênis, são alguns dos grandes que passaram por Cambuquira.

Feitosa, um dos melhores jogadores a atualidade, foi revelado em Cambuquira, quando foi pela primeira vez como reserva do time do Flamengo. Chamado a integrar a equipe efetiva, nunca mais saiu do primeiro quadro, passando a integrar tôdas as seleções cariocas e brasileiras. Feitosa, que depois disso, nunca mais voltou a Cambuquira, este ano deverá ir integrando a equipe da AABB.

05 de fevereiro de 1964.

ANEXO B

Artigo de jornal registrando a suspensão dos Jogos Abertos de Cambuquira

Adiados os Jogos de Cambuquira¹⁹

CAMBUQUIRA, 20 (O GLOBO) _ O prefeito desta cidade, Sr. Jorge Noronha, em entendimentos com os organizadores dos Jogos Abertos de Cambuquira, resolveu transferir "sine-die" o tradicional certame que estava marcado para os próximos dias.

20 de Abril de 1964.

¹⁹ ADIADOS os jogos de Cambuquira. **O globo**. Rio de Janeiro, 20 abr. 1964. Esportes. p. 6.

ANEXO C

Artigo de jornal sobre o inquérito policial militar que investigou “atividades subversivas” em Cambuquira:

IPM acusa general Nelson Sodré de agitar Cambuquira²⁰.

Em apenas duas laudas datilografadas, o delegado João Arantes relatou o inquérito sobre as atividades subversivas em Cambuquira, acusando como principais responsáveis pela doutrinação comunista na cidade o general Nelson Werneck Sodré e o motorista carioca Murilo. O relatório defende o prefeito Jorge de Sá Noronha e o vice-prefeito Antônio Almeida Filho como vítimas da política municipal, que procurou envolvê-los injustamente como comunistas.

RELATÓRIO

Acrescenta que em Cambuquira foram êstes dois os mais responsáveis pela doutrinação subversiva, especialmente o general Nelson Werneck Sodré, velho frequentador da estância. O outro, o motorista Murilo, reside no Rio, conhecido por "Gaúcho", é chamado em Cambuquira de "chofer comunista".

Ambos realizavam reuniões em Cambuquira, constando que o general redigira o discurso lido pelo sr. Goulart, no dia 13 de março. "Dos acusados de comunismo, que residem na estância, Dionor Ferreira, comerciante, é homem de certa cultura, conhecendo inglês e alemão, contabilidade, é político entusiasmado com as reformas de base. Negou ser comunista mas testemunhas afirmam que êle defende o marxismo. José Fonseca Filho, preso após a revolução, tem certo verniz intelectual, pobre, revoltado, que encontrou no trabalhismo de Goulart certo conforto: empregou-se na Prefeitura, fêz política, distribuiu panfletos 'Porque os ricos não fazem greve'. Parece mais um influenciado do que agitador".

²⁰ IPM acusa general Nelson Sodré de agitar Cambuquira. **Diário de Minas**. Belo Horizonte, 21 jul. 1964. Disponível em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1355147/mss1355147.pdf> Acesso em 13 mai 2016.

OUTROS

Eloi Ferreira de Faria, funcionário do DCT, com funções de guarda-fios, entrou na política, fêz campanha e é o vereador mais votado da Câmara. José Pedro Costa, "José Botina", do DCT, protegido do general Sodré, acusado de atividades subversivas por testemunhas. Baltazar Rodrigues Júnior, "Zazizo", alfaiate, getulista e considerado comunista talvez pelo fato de defender a política janguista.

Graciano Nogueira Filho, "Gracianinho", garçom, presidente do Sindicato, o que possivelmente tenha sido o motivo por que alguns o acusaram de comunista. Não parece nem agitador, nem perigoso. Antônio Oliveira de Freitas, "Toninho Flamengo", é tido como comunista, mas não passa de um trabalhista ignorante que se elegeu vereador em 1962.

O vice-prefeito Antônio Almeida Filho, "Japonês", parece ser mais vítima de intrigas políticas, pois é até congregado mariano. Ge Rodrigues Rosa, gaúcha, tem propriedades em Cambuquira e é suspeita de fazer reuniões em sua casa. Benedito Ferreira, juiz de Paz, trabalha como chefe de disciplina no ginásio da cidade é tido como simpatizante do comunismo, mas as informações colhidas de alguns é de estar sendo vítima também da política municipal.

NADA

Continuou o delegado Arantes seu relatório, dizendo que o prefeito Jorge de Sá Noronha é homem pobre, idealista, tendo sido eleito pela coligação PDC-PTB. Embora tido como simpatizante do comunismo, tudo indica não estar ligado à subversão. Também se pai Oscar Noronha é acusado de extremista, sem que existam provas concretas, como sucede também com o Sr. Oscar Noronha Filho, suplente de deputado federal pelo estado da Guanabara, e que reside no Rio.

21 de julho de 1964.

APÊNDICE

Apêndice 1 - História da emancipação política de Cambuquira

Faremos uma pequena explanação sobre a história da cidade, utilizando como referência a obra de Thomé e Manuel Brandão (1958)²¹, que realizaram um extenso trabalho de pesquisa sobre a história e geografia locais.

Aos fins do século XVIII, pelo fato de a indústria farmacêutica ainda não dispor de medicamentos demandados por algumas enfermidades, era comum a prescrição de substâncias naturais para o tratamento de certas doenças. Talvez isso tenha contribuído para o fenômeno que viria ocorrer em um brejal que, na época, era parte integrante da municipalidade de Campanha, MG.

No ano de 1780, numa propriedade rural cujo dono se chamava Dr. Pires de Almeida, foram descobertas fontes de águas minerais, que logo foram batizadas de *Água Santa* ou *Água Virtuosa*. À medida que os anos foram se passando, a notícia de seus efeitos terapêuticos começou a se espalhar, atraindo forasteiros em busca de tratamento. Eles chegavam, em princípio, através de uma precária jornada pela Serra da Mantiqueira.

A cidade de Cambuquira derivou de uma fazenda chamada *Boa Vista*. Suas proprietárias eram Ana, Francisca e Joana da Silva Gularte. Três irmãs que ali viveram até o fim de seus dias, sem nunca haverem se casado. Após seu falecimento, a parte central da fazenda foi deixada de herança aos seus escravos, que começaram a opor resistência àqueles que invadiam suas terras em busca das águas minerais. Por causa dessa resistência, a câmara municipal da cidade de Campanha – à qual a fazenda pertencia – decidiu proceder à sua desapropriação, resolução esta que foi oficializada no ano de 1861. Aos escravos, então, foi destinado um lote de terras, no valor de oitocentos mil réis, em um local denominado *Marimbeiro*, localidade que ainda conserva esse nome nos dias atuais, sendo um bairro periférico da cidade. Na época, as terras que passaram a pertencer aos escravos localizavam-se próximas à propriedade de um homem apelidado de *Cambuquira*. Essa palavra significa *brotos de abóbora*. Sua origem etimológica vem

²¹ BRANDÃO, M. D. S.; BRANDÃO, T. D. S. **Cambuquira**: estância hidromineral e climática. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

do Tupi Guarani (caà-amby-quira), da mesma família de palavras como *cambi*, *cambira* e *cambucamba*, que significam, respectivamente, *mamar*, *leite* e *seios*.

O nome desse pequeno proprietário era Alferes José Antônio Rodrigues Cambuquira. Provavelmente tenha se originado no seu sobrenome a denominação da localidade onde ele morava ao fim do século XVIII e início do século XIX, porque sua fazenda era utilizada como ponto de referência para se chegar às fontes de água mineral.

Com a desapropriação da fazenda Boa Vista, começaram a ser construídas residências que, em sua maioria, tinham a meta de hospedar os enfermos que iriam se tratar na estância. Algumas pessoas se estabeleceram no local e, aos poucos, o número de casas foi sendo aumentado à proporção do aumento do fluxo de forasteiros. Como consequência, o *Arraial de Cambuquira* foi oficializado no dia 15 de julho de 1872. Dois anos mais tarde, Bernardo Saturnino da Veiga, editor do *Almanaque Sul Mineiro*, uma publicação da cidade de Campanha, publicou que um médico da região constatara que a água mineral do Arraial de Cambuquira tinha o ácido carbônico e o ferro como princípios mais ativos, sendo, nessas substâncias, mais rica em comparação à água da cidade de Lambari²². De acordo com suas palavras:

Ambas as águas têm os mesmos usos terapêuticos, convêm nas mesmas moléstias, mas as do Cambuquira, como contém um princípio medicamentoso especial e de efeitos particulares, pode convir vantajosamente a um quadro de moléstias mais circunscrito (Veiga apud Brandão, 1958, p. 20).

Seguindo o texto de Veiga, consta que as águas de Cambuquira ainda não eram tão conhecidas como as demais águas da região. Sua análise química ainda não havia sido feita porque não fora ordenada pelo então Ministro do Império às Águas do Lambari e do Caxambu.

Campanha vendeu o Arraial de Cambuquira para o Estado de Minas Gerais, que, no dia 23 de setembro de 1884, transferiu-o para o Município de Três Corações do Rio Verde, MG. Em uma edição do *Almanaque Sul Mineiro* em 1885, Veiga informa que a análise química de suas águas ainda não havia sido feita. No entanto, elas continuavam atraindo grande número de enfermos, especialmente no

²² O *Circuito das Águas* de Minas Gerais é composto pelas cidades de Cambuquira, Caxambu, Lambari e São Lourenço.

que se tratava de “afecções do aparelho digestivo, vias urinárias, pobreza do sangue, etc” (ibid., p. 22).

Com o advento da República, surge uma iniciativa conhecida como *Encilhamento*, que resultou em um surto de especulação financeira.

Em Cambuquira, empresas e companhias são fixadas com o intuito de explorar não somente as águas, mas todas as riquezas naturais ao seu alcance. As municipalidades da região eram providas de poucos recursos e suas administrações eram feitas por pessoas despreparadas. Devido a esse panorama, seu desenvolvimento coube à iniciativa privada.

A partir da inauguração do ramal de Campanha da Estrada de Ferro de Muzambinho, cuja estação de Cambuquira recebeu o primeiro trem no dia 29 de setembro de 1894, deu-se início a uma nova etapa da exploração comercial de suas águas minerais. Foi instalada a *Empresa União Industrial dos Estados do Brasil*, destinada à exploração das estâncias Águas Virtuosas do Lambari e Cambuquira. O Dr. Charles Berthaud, conceituado especialista químico na época, foi encarregado de fazer a captação das águas minerais. O brejal onde se situavam as fontes foi drenado, cedendo lugar ao Parque das Águas, cujo balneário hidroterápico foi entregue ao uso público no ano de 1899. Devido ao crescimento da demanda de turistas em busca de tratamento, hotéis foram construídos. Através de um ofício, publicado no dia 6 de setembro de 1901, pelo então Ministro da Guerra Marechal João Nepomuceno de M. Mallet, Cambuquira foi escolhida, dentre as demais estâncias hidrominerais da região, para a implantação de uma enfermaria destinada ao tratamento de oficiais e praças do exército, para o tratamento de doenças ocupacionais.

O então presidente da República, Campos Sales, demonstrou interesse em instituir prefeituras em cada uma das estâncias conhecidas. Esse projeto não vingou totalmente, pois apenas as estâncias de Caldas e Caxambu foram fixadas. Os recursos utilizados na implantação dessas prefeituras vieram de subvenções irregulares nos municípios e da ajuda financeira das empresas que exploravam as águas minerais.

Em 1906, um interessante episódio foi protagonizado por essas empresas. Realizou-se a fusão da Empresa de Caxambu com a Empresa de Lambari e Cambuquira. De acordo com a narrativa de Brandão (1958, p. 31), “estava

formado o truste das águas minerais, entregue a sua exploração a uma só Empresa”. Com as três estâncias sob a mesma administração, as que possuíam menos recursos foram submetidas aos interesses da mais forte. Passou-se a divulgar apenas as águas de Caxambu, esquecendo-se das duas outras estâncias. Inclusive, as águas de Cambuquira passaram a ser engarrafadas com rótulos de Caxambu. O Estado não interferiu nessa situação porque acreditava já ser suficiente ter instalado as prefeituras em Caldas e Caxambu. Desta forma, prosseguiu o monopólio das águas minerais da região até a implantação das prefeituras de Cambuquira e Lambari, quando a empresa foi dissolvida pelo Estado e o controle das águas minerais entregues às suas respectivas prefeituras. Isso ocorreu em 1909.